



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA**

ELIELMA DA SILVA NÓBREGA

**SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O IMPACTO NA HISTÓRIA DE PICUÍ -
PB: MEMÓRIA, MODERNIDADE E MINERAÇÃO (1943-1945).**

CAMPINA GRANDE – PB

2021

ELIELMA DA SILVA NÓBREGA

**SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O IMPACTO NA HISTÓRIA DE PICUÍ -
PB: MEMÓRIA, MODERNIDADE E MINERAÇÃO (1943-1945).**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito à obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. José Adilson Filho

CAMPINA GRANDE – PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N754s Nobrega, Elielma da Silva.
Segunda Guerra Mundial e o impacto na história de Picuí - PB [manuscrito] : memória, modernidade e mineração (1943-1945) / Elielma da Silva Nobrega. - 2021.
57 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.
"Orientação : Prof. Dr. José Adilson Filho, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Memória. 2. Segunda Guerra. 3. Mineração. 4. Picuí - Paraíba. I. Título

21. ed. CDD 981.33

ELIELMA DA SILVA NÓBREGA

**SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O IMPACTO NA HISTÓRIA DE
PICUÍ - PB: MEMÓRIA, MODERNIDADE E MINERAÇÃO (1943-1945).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada em forma de monografia apresentado ao curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

Aprovada em: 19/10/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Adilson Filho (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Hilmaria Xavier Ribeiro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José dos Santos Costa Júnior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, pelo seu infinito amor e fonte inesgotável de misericórdia, a Voinha e Mainha, pelo apoio incondicional, por todo zelo, os ensinamentos e amor, dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me sustentar até aqui, por me conceder a graça de realizar esse sonho, iluminando a minha mente e me dando sabedoria para que esse sonho se concretizasse. A ele toda honra e toda glória.

A minha Avó, Valdecir Lima da Silva, pela dedicação, empenho, renúncias e por toda uma vida dedicada a nossa família, obrigado pelo amor, por ter me educado para a vida e por me dar subsídio para que este sonho se concretizasse. És meu exemplo de força, coragem e resistência.

Agradeço aos meus pais, Eliane Lima da Silva e Hélio Eliel Gomes da Nóbrega, por todo apoio, amor e incentivo.

A minha madrastra Maria de Fátima Pereira da Nóbrega, pelo carinho e incentivo aos estudos.

Aos meus irmãos, Vitória Sacha, Elisselma Silva, José Miguel e Maria Alice, por sempre me fortalecerem, vibrarem com as minhas conquistas e me incentivarem a sempre ser uma pessoa melhor. Amo muito vocês.

Aos meus amados sobrinhos, Arthur Gabriel e Laura Beatriz, por ser luz nos meus dias e por toda calma que trazem ao meu coração.

A minha amiga Layse Dantas, pela amizade de longos anos, que embora distante, sempre se fez presente na minha vida e me fortaleceu durante este percurso acadêmico.

A minha Amiga e colega de curso Magnólia Suellem, por todas as partilhas nas viagens para Campina Grande, por dividir sonhos, alegrias, aflições e por todas as nossas longas e boas conversas. Sua amizade fez o meu dia a dia mais fácil.

A minha amiga e colega de turma Beatriz Freire Guimarães, por todas as noites de companheirismo, perrengues, crescimentos, sorrisos e por me encorajar a seguir diante dos desafios. A sua amizade foi essencial na minha trajetória.

A minha amiga Maria Artenisia, pela partilha de conhecimentos, sonhos e companheirismo no exercício da escrita da História.

Aos meus amigos, Túlio Aleff, Emanuel Alves e Moisés Silva, pelos momentos de amizade, conversas e companheirismo.

Aos colegas da classe pelas trocas de conhecimento fomentadas pelos debates dentro e fora da sala de aula, pelas dificuldades e alegrias partilhadas ao longo do curso.

Ao meu professor orientador, José Adilson Filho, pela atenção e contribuição para a pesquisa e escrita deste trabalho, és um profissional ímpar, por quem tenho muito apreço.

Aos professores do Departamento de História, em especial aos professores: Matusalém Alves, Alberto Coura, Jefferson Nunes, Hilmaria Xavier e José do Egito, profissionais os quais admiro e de alguma forma marcaram positivamente esse percurso acadêmico.

Aos funcionários da UEPB, pela prestação de serviços essenciais para a formação dos discentes desta instituição. Em especial aos servidores da coordenação do curso de História.

Aos que de alguma forma contribuíram para a concretização deste sonho, que é a conclusão do ensino superior.

Agradeço!

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não tem voz.

- FERREIRA GULLAR

RESUMO

A presente pesquisa pensa Picuí-Pb, como uma das cidades interioranas brasileiras que mais sentiu o impacto da presença física e cultural norte-americana, durante a Segunda Guerra Mundial. Com a intenção de registrar e conservar este acontecimento, por meio da escrita. O recorte temático elencado compreende o período de 1943 a 1945, período em que oficiais norte-americanos estiveram instalados na região para a extração de minérios voltados para fins bélicos. Picuí possui em seu território uma grande ocorrência de minérios para diversos fins comerciais, a mineração e os minerais encontrados em seu território se consolidaram durante a Segunda Guerra Mundial e continuam sendo importantes promotores de desenvolvimento do município. A escrita desta pesquisa é concebida por meio das perspectivas da Nova História Cultural, que ampliou os objetos e as abordagens da escrita da História. Em virtude da raridade de fontes documentais para chegarmos às respostas da nossa problematização, que norteia nosso problema de pesquisa, se fez necessário alicerçá-la por meio da metodologia das fontes audiovisuais, registrada no Documentário *Urânio Picuí* (2011), por intermédio de relatos de memórias pertinentes ao contexto. Portanto, os aportes teóricos contidos na referida pesquisa, sejam eles obtidos por fontes audiovisuais, bibliográficas ou documentais, possibilita ao fim desta abordagem o alcance almejado, considerando que ao longo do desenvolvimento da pesquisa, as referidas fontes responderam à problemática central que norteou esse trabalho. Levando-nos a concluir que houve mudanças significativas na dinâmica da cidade de Picuí, após a instalação de oficiais norte-americanos no ano de 1943, no contexto da Segunda Guerra Mundial. Para abordar os conceitos que delineiam a linha de pesquisa escolhida, para a compreensão da construção desta escrita, foram elencadas as seguintes categorias de análise: Memória (Le Goff 1990; Bosi, 1992; Pesavento, 2008); Documento histórico (Foucault, 1969; Ricoeur, 2007; Karnal e Tatsch, 2009); O uso de vídeo documentário como fonte histórica (Morettin, 2003; Napolitano, 2011; Ferro 2003); As mulheres na historiografia (Perrot, 2019; Rago, 1995). Outros teóricos foram utilizados como complemento ou contraponto de modo a enriquecer a abordagem.

Palavras-chave: Memória; Segunda Guerra; Mineração; Picuí.

ABSTRACT

The present research thinks Picuí-Pb, as one of the Brazilian countryside cities that most felt the impact of the North American physical and cultural presence, during the Second World War. The intention is to register and preserve this event, by means of writing. The thematic scope comprises the period from 1943 to 1945, when U.S. officers were installed in the region for the extraction of minerals for war purposes. Picuí has in its territory a large occurrence of minerals for various commercial purposes; mining and the minerals found in its territory were consolidated during the Second World War and continue to be important promoters of development in the municipality. The writing of this research is conceived through the perspectives of the New Cultural History, which has broadened the objects and approaches to the writing of history. Due to the rarity of documental sources to get the answers of our problematization, which guides our research problem, it was necessary to base it through the methodology of audiovisual sources, registered in the Documentary *Urânio Picuí* (2011), through reports of relevant memories to the context. Therefore, the theoretical contributions contained in the referred research, whether obtained by audiovisual, bibliographic or documental sources, makes possible, at the end of this approach, the desired reach, considering that throughout the development of the research, the referred sources answered the central problematic that guided this work. This leads us to conclude that there were significant changes in the dynamics of the city of Picuí, after the installation of North American officers in 1943, in the context of the Second World War. To address the concepts that outline the chosen line of research, for the understanding of the construction of this writing, the following categories of analysis were listed: Memory (Le Goff 1990; Bosi, 1992; Pesavento, 2008); Historical document (Foucault, 1969; Ricoeur, 2007; Karnal and Tatsch, 2009); The use of video documentary as a historical source (Morettin, 2003; Napolitano, 2011; Ferro 2003); Women in historiography (Perrot, 2019; Rago, 1995). Other theorists were used as a complement or counterpoint in order to enrich the approach.

Keywords: Memory; Second War; Mining; Picuí.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1- Carta do Ministério da Viação e Obras Públicas à Diretoria da Central do Brasil sobre materiais estratégicos. | 23 |
| Figura 2 - Casa de Força..... | 25 |
| Figura 3 - Praça Getúlio Vargas. | 26 |
| Figura 4 - Praça João Pessoa | 27 |
| Figura 5 - Movimentação comercial em frente a Samba. | 27 |
| Figura 6 - Recepção do pracinha Armando Cunha. | 28 |
| Figura 7 - Antigo Mercado público. | 29 |
| Figura 8 - Os depoentes Rita Medeiro e Zé de Berto, durante o trajeto para a cidade de Parelhas - RN..... | 37 |
| Figura 9 - Imagem do depoente, Sr. Pedro Tomás Dantas..... | 38 |
| Figura 10 - Fotografias do casal Maria Claudina e Vicente Ferreira de Macedo | 45 |
| Figura 11 - O Sr. Emanuel Remígio, no alto onde passou uma parte da infância e de onde tirou o sustento da sua família por anos..... | 48 |
| Figura 12 – O Senhor Nozinho relata o impacto da utilização de explosivos para a realização da abertura de minas, na imagem o local utilizado para armazenar os explosivos durante a década de 1940..... | 49 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 11 |
| 2. PICUÍ DIANTE DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL..... | 17 |
| 2.1 O potencial Mineral de Picuí | 19 |
| 3. O IMPACTO DA PRESENÇA NORTE AMERICANA NO IMAGINÁRIO E COTIDIANO DAS CRIANÇAS PICUIENSES DA DÉCADA DE 40. | 24 |
| 3.1 Contextualizando a urbe, Picuí de 1940. | 24 |
| 3.2 Garimpando lembranças: recordações das crianças picuienses da década de 40.. | 30 |
| 4. AS REPRESENTAÇÕES DOS “TEMPOS DOS AMERICANOS” E A INVISIBILIDADE DAS MULHERES PICUIENSES DA DÉCADA DE 40. | 40 |
| 4.1 Garimpando Memórias subterrâneas: A invisibilidades dos trabalhos subalternos das mulheres da década de 40. | 42 |
| 5. A MINERAÇÃO PICUIENSE DEPOIS DE 1945: O ANO QUE A “MODERNIDADE” ACABOU..... | 47 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 53 |
| REFERÊNCIAS | 11 |
| FONTES | 14 |

1. INTRODUÇÃO

Localizada no centro-norte do Estado da Paraíba, mesorregião da Borborema microrregião do Seridó oriental paraibano, a cidade de Picuí¹ está situada geologicamente na província pegmatítica da Borborema, o que significa que Picuí possui em seu território uma grande ocorrência de minérios² para diversos fins comerciais. Que desde a sua descoberta, tornou a mineração uma atividade econômica de grande relevância para os seus habitantes, que tinham na agricultura a sua maior fonte de renda, e eram fortemente afetados com os longos períodos de estiagem que são característicos da região. Gerando emprego para a população, a atividade mineral em Picuí remete ao início do século XX com relatórios e mapeamentos realizados por especialistas norte-americanos que vieram para esta região conhecer suas potencialidades minerais. Após tais descobertas, a mineração começou a compor a dinâmica econômica da cidade e teve seus níveis de produção atrelados à conjuntura mundial. O valor econômico destes minerais obteve reconhecimento durante a Segunda Guerra Mundial, em que ao longo desse período, foi responsável pela exportação de montantes de minérios para fins bélicos aos Estadunidenses, esse é o marco inicial da mineração no Seridó³ e em Picuí.

Segundo Morais (2020, p.11) “A Segunda Guerra Mundial impactou o mundo em muitas dimensões diferentes: política, ideológica, econômica, social, militar, tecnológica, entre outras. Seus impactos no Brasil, que teve relação ativa com o conflito, foram também profundos.” Os estudos historiográficos, acerca dos impactos da grande guerra na nação brasileira tem se intensificado nas últimas décadas. São abordagens voltadas para o desempenho da FEB nos *fronts* de guerra, o retorno dos pracinhas, a sua reintegração social e os períodos de tensões vivenciados nas regiões litorâneas, em virtude dos torpedeamentos dos navios brasileiros e da sua localização geográfica. Entretanto, ainda existem lacunas na historiografia acerca dos impactos ocasionados às cidades interioranas, que tiveram a sua dinâmica social e econômica alteradas pelo estado de beligerância mundial.

Bezerra (2014) é uma estudiosa sobre início da mineração na região do Seridó, especificamente da cidade de Currais Novos-RN, apesar de ser um estudo de cunho

¹O Município de Picuí localiza-se no Interior paraibano e dista 226 km da capital João Pessoa, atualmente possui uma população de cerca de 18.706 Hab.

² Minérios; É um agregado de minerais rico em um determinado mineral ou elemento químico que é economicamente e tecnologicamente viável para extração (mineração).

³ Seridó é uma região interestadual localizada no sertão do Nordeste brasileiro. Oriunda da antiga região da "Ribeira do Seridó" abrange vários municípios dos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba, sendo oficialmente dividida pelo IBGE em Seridó Ocidental Potiguar e Seridó Oriental Potiguar, Seridó Ocidental Paraibano e Seridó Oriental Paraibano.

antropológico, traz ricas contribuições para a historiografia do Seridó. A autora desenvolveu seu trabalho acerca da mina Brejuí, responsável pelo crescimento da cidade entre os anos de 1943 a 1990, após o fim da intensa extração de scheelita, a mina tornou-se um “parque temático”. Por meio das memórias dos mineradores, a autora compreendeu como ocorreu a construção da identidade ligada à profissão, em que medida esses trabalhadores referirem-se a esta história como sendo parte integrante dela e quais são os símbolos acionados no processo de elaboração de uma identidade operária.

No primeiro capítulo, a autora trata sobre o início da atividade mineral na cidade de Currais Novos, que teve início no final da década de 30, a partir de estímulo do Governo Vargas às pesquisas mineralógicas que tinha o intuito de expandir a indústria durante o contexto da Segunda Guerra Mundial. Discorrendo sobre os primeiros garimpeiros da mina Brejuí, a partir das suas experiências particulares, a autora buscou informações de onde esses trabalhadores vinham, as expectativas criadas com o surgimento do garimpo na região e como eram as relações sociais no garimpo. Buscando compreender como iniciou a construção da identidade mineira na cidade de Currais Novos.

Outro estudo que contribuiu para a historiografia do Seridó sobre o início da mineração na região é o trabalho de Cunha (2012) esta obra dá uma nova visibilidade e dizibilidade a extração de caulim nas banquetas da cidade de Junco do Seridó. Ao passear pelos labirintos do começo da extração do Caulim, o autor menciona os primeiros registros de extração dos minerais pegmatíticos no Seridó, que ocorreram no contexto da Segunda Guerra, com a exploração de outros minerais, dentre eles a mica.

Apesar de este acontecimento ser recorrente na escrita de outras áreas do saber, que se propõe a discorrer acerca da Geologia, Geografia e Aspectos Mineralógicos da região, não existe até então uma abordagem de cunho historiográfico acerca deste acontecimento, tornando necessário o desenvolvimento desta pesquisa. Ao trilharmos por estas veredas da história, abriremos caminhos que viabilizaram novas versões, fortalecendo a nossa historiografia.

Diante do breve relato sobre Picuí e a sua potencialidade mineral, atreladas a conjuntura mundial no contexto da Segunda Guerra, pretendemos por meio desta pesquisa, pensar Picuí como uma das cidades interioranas brasileiras que mais sentiu o impacto da presença física e cultural norte-americana, durante a Segunda Guerra Mundial. Com a intenção de registrar e conservar este acontecimento, por meio da escrita.

A escrita é um recurso importante que possibilita que muita das experiências humanas seja salvar do esquecimento, pois ao escrevermos, deixamos fixados no tempo rastros de um passado, assim:

"escrever se constitui em uma forma de produção de memória e, por conseguinte, em instrumento de produção de memória."

"A ação da mão sobre papéis, sobre telas, sobre pedras e onde mais for possível deixar traços, a escrita registra, inventa e conserva sempre mais ou menos, ao contar, muitos atos da experiência humana." (CUNHA, 2009).

A escrita é um recurso importante que possibilita que muita das experiências humanas seja salvar do esquecimento, pois ao escrevermos, deixamos fixados no tempo rastros de um passado, assim: A escrita desta pesquisa é concebida por meio das perspectivas da Nova História Cultural, que ampliou os objetos e as abordagens da escrita da História. Diante da raridade de fontes documentais, para chegarmos às respostas da nossa problematização, que norteia nosso problema de pesquisa, se fez necessário alicerçar a nossa pesquisa por meio da metodologia das fontes audiovisuais. Os diálogos registrados no Documentário "*Urânio Picuí*"⁴, por intermédio de relatos de memórias pertinentes ao contexto, para além das fontes audiovisuais, decretos de leis, cartas, notícias de jornais e as produções historiográficas compõem o aporte metodológico para o desenvolvimento deste trabalho.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1990).

Em seu ensaio *O tempo e os tempos*, Alfredo Bosi (1992) afirma que é a linguagem que possibilita a memória articular-se formalmente e duradouramente na vida social. Ainda de acordo com Bosi:

Pela memória, as pessoas que se ausentaram fazem-se presentes. Com o passar das gerações e das estações, esse processo cai no inconsciente lingüístico, reafirmando sempre que se faz uso da palavra que evoca e invoca. É a linguagem que permite conservar e reavivar a imagem que cada geração tem das anteriores. Memória e palavra, no fundo inseparáveis, são a condição de possibilidade do tempo reversível. Eu me lembro do que não vi porque me contaram. Ao lembrar, reatualizo o passado, vejo, histórico o que outros viram e me testemunharam... O diálogo com o passado torna-o presente. O pretérito passa a existir, de novo. (BOSI, 1992, p. 19).

⁴ "URÂNIO PICUÍ Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho

No final do século XX, aconteceram mudanças significativas no Campo da História, com a efervescência da Terceira Geração dos Annales, denominado por Peter Burke de “A Revolução Francesa da Historiografia” (BURKE, 1992). Esse evento gerou uma revolução na abordagem da história, ao implementar novas propostas para a construção do conhecimento histórico, deste modo, modificando a produção historiográfica. A Nova História possibilitou novas abordagens historiográficas, sob uma nova perspectiva, por um viés que por anos foi deixado de lado, uma ótica vista de baixo. Neste sentido, temas como: as relações de gênero, sociabilidade, trabalho, cidades, cotidiano, dentre outros passaram a compor a abordagem da História Cultural. Portanto, a nova História Cultural possibilitou ao historiador, trilhar novos caminhos, diante da vastidão de práticas culturais. O campo da historiografia encontrasse aberto a inúmeras possibilidades, como afirma Barros:

O oceano da historiografia acha-se hoje povoado por inúmeras ilhas, cada qual com a sua flora e a sua fauna particular. Ou, para utilizar uma metáfora mais atual, podemos ver a historiografia como um vasto universo de informações percorrido por inúmeras redes, onde cada profissional encontra a sua conexão exata e particular. (BARROS, 2011, p.9).

Diante disto, as fontes tradicionais, que tinha como base a escola metódica, em que “o documento fala por si”, com a Nova História, foram analisadas e interrogadas. Considerando que os documentos e monumentos são transpassados de intencionalidades. “Na perspectiva da moderna prática historiográfica, nenhum documento fala por si mesmo, ainda que as fontes primárias continuem sendo a alma do ofício de historiador.” (NAPOLITANO, 2008, p.240). A Nova História ampliou ainda mais o leque de fontes históricas, dentre elas, as do gênero cinematográfico, incluindo os vídeos documentários. O uso de fontes documentais audiovisuais contribui para os estudos das sensibilidades, no que tange a evocação de sentimentos e emoções, bem como no estudo da memória, ao recuperar imagens do vivido, que de acordo com Pesavento (2008, p.15) é uma “recriação mental de um objeto, pessoa ou acontecimento ausente”.

Ao analisarmos um filme como fonte histórica é imprescindível que a análise não seja limitada apenas aos canais verbais. O filme por ser uma produção audiovisual, contém diversos aspectos, nenhum deles deve ser ignorado ou analisado individualmente. A análise de todo o conjunto é essencial para o correto procedimento da análise: canal verbal (diálogos, roteiro, discursos e narração); não verbal (direção, cenários, atuações e fotografias). A análise não consiste apenas em assistir sistematicamente os filmes, o historiador deve ter o olhar

atento a todos os aspectos da produção cinematográfica: “os personagens, o figurino, o cenário, a textura de tons predominante nas imagens, o ângulo da câmera, os diálogos, a trilha sonora musical ou não, os efeitos de montagem, etc.” (NAPOLITANO, 2011, p. 275). Sobre a importância de identificar os discursos presentes nos filmes, Morettin destaca:

Se não conseguirmos identificar, por meio da análise fílmica, o discurso que a obra cinematográfica constrói sobre a sociedade na qual se insere, apontando para suas ambiguidades, incertezas e tensões, o cinema perde a sua efetiva dimensão de fonte histórica (MORETTIN, 2003, p. 40).

O Documentário utilizado está disponível na plataforma digital YouTube, dirigido pelo Cineasta Tiago Melo e Antônio Carrilho, tem a duração de 51min15s, o Curta-metragem, de mesmo título e direção, tem a duração de 15min19s, disponível na plataforma Vimeo, foi produzido com trechos selecionados do Documentário. Ambos abordam a extração de urânio na região do Seridó Paraibano e Potiguar, durante o período da Segunda Guerra Mundial pelos Norte-americanos, revisitando a lenda que marcou o imaginário da população de todo o Seridó. Com indícios de exploração do urânio na região, garimpeiros e moradores da pacata região, passaram a se questionar se a bomba utilizada na explosão da cidade de Hiroshima teria sido produzida com o urânio extraído dessa localidade. A produção cinematográfica, para além de revisitar este fato em específico, tornou-se um riquíssimo documento histórico acerca deste período. Os relatos de memória das poucas testemunhas que se encontravam vivas no período de sua produção, são valiosos para a conservação destas memórias, considerando que grande parte das testemunhas oculares deste acontecimento já veio a óbito.

Diante disso, o recorte temporal aqui abordado vai de 1943 a 1945. No capítulo um, intitulado: “*Picuí diante da Segunda Guerra Mundial*”, iniciaremos com a contextualização do cenário de beligerância mundial, na qual o Brasil está inserido em um primeiro momento neutro, é de acordo com os desdobramentos dos acontecimentos e seus interesses econômicos oficializa seu estado de beligerância. O posicionamento do País reflete no setor da mineração picuiense que é atrelada a “batalha de produção” nacional.

No capítulo dois, de título “*O impacto da presença norte-americana no imaginário e cotidiano das crianças picuienses da Década de 40*”. Veremos a partir dos relatos de memória de crianças da década de 40, o impacto da presença norte-americana no imaginário e no cotidiano dessas crianças, a inserção dessas pequenas nos trabalhos das minas e a imagem que elas construíram dos visitantes Estadunidenses.

No capítulo três, sob o título de “*As representações dos “tempos dos americanos” e a invisibilidade das mulheres picuienses da década de 40*”. Analisaremos as representações construídas acerca do período de estadia dos Estadunidenses em solos Picuienses, bem como as lacunas existentes sobre esse período, observando que as mulheres que viveram nesse período são praticamente excluídas das narrativas oficiais.

Por fim, no quarto e último capítulo, “*A mineração picuiense depois de 1945: o ano que a “modernidade” acabou*”, abordaremos o processo de modernização da mineração picuiense, durante a Segunda Guerra Mundial, remetendo a sua história e importância econômica, observando as rupturas e continuidades.

2. PICUÍ DIANTE DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.

Em 1930, Vargas ascendeu ao poder e estabeleceu uma política, cujo objetivo era superar o então modelo agrário-exportador, por incentivos a implantação e expansão das atividades industriais, o que implicou no fortalecimento da mineração no Seridó paraibano, com destaque no município de Picuí. No âmbito internacional a competição acirrada entre a Alemanha e os Estados Unidos buscava sujeitar a sua presença a toda a América Latina, por intermédio das suas influências políticas e econômicas.

O Brasil se tornou um país importante e desejado, principalmente, pela região Nordeste, haja vista, sua grande importância estratégica para os países envolvidos na guerra (SANTOS, 2018, p.273). Durante os primeiros anos do conflito, o Brasil, oficialmente era um país neutro, porém, na prática, o governo brasileiro se mostrou bastante astuto ao circular pelos dois lados da guerra. Embora o país mostrasse uma postura ideológica mais adepta ao fascismo, não evitou uma aproximação ao bloco dos Aliados. O ministério do governo Vargas, era o reflexo desta situação, enquanto o então Ministro da Justiça, Francisco Campos e o Ministro do Exército, Eurico Gaspar Dutra, se mostravam simpatizantes aos países do Eixo, o Ministro das Relações Internacionais, Oswaldo Aranha, era adepto dos Aliados. Em meio a essa conjuntura, o Brasil se beneficiou nas suas relações comerciais com o exterior, principalmente com esses países, através da política de livre comércio.

Tendo o Estado brasileiro, adotado a política de livre comércio, o setor de minério seridoense é favorecido, por ter seu potencial mineralógico disponível ao livre comércio internacional de recursos minerais, gerando interesse de muitos países, por determinados minerais a exemplo da tantalita-columbita, mica e berilo entre outros. É no Seridó e em Picuí que essa demanda externa inicialmente tem seu desdobramento, com uma produção crescente diante das muitas jazidas abertas e ações intensificadas no intuito de possibilitar funcionalidade produtiva à região.

Diante dos sinais que se mostravam favoráveis ao Eixo, o Governo norte-americano, se esforçou para conseguir firmar um acordo com o Brasil. Era de grande interesse dos Norte - Americano, evitar que o Brasil disponibilizasse recursos minerais à Alemanha. Em 1941, os EUA começaram negociações ativas com as principais repúblicas da América latina a fim de que todos os excedentes de minerais estratégicos produzidos fossem vendidos exclusivamente para aquele país. (AGRA, 2014, p.193). A esse respeito, Francisco Ferraz, um historiador de

renome quando o assunto é a participação dos brasileiros na Segunda Guerra Mundial, diz que:

Os governos latino-americanos já eram pressionados por militares e diplomatas dos Estados Unidos para autorizar o uso de bases aéreas e navais por suas Forças Armadas e para fornecer com exclusividade para os Aliados matérias-primas estratégicas. Pela sua localização privilegiada e pelos abundantes recursos agrícolas, extrativos e minerais, bem como pela sua importância política regional, o Brasil concentrava os principais esforços de negociação. Um choque de interesses evidenciou-se rapidamente: os norte-americanos queriam enviar militares seus para a construção, reforma, administração e proteção das bases, e o governo brasileiro, por seu lado, não queria receber soldados, mas sim armas e recursos norte-americanos para organizar sua própria defesa. Somente após meses de negociações pacíficas de ambos os lados, no início de 1942 foi autorizado o uso das bases do Norte e do Nordeste brasileiros às Forças Armadas norte-americanas. (FERRAZ, 2005, p.12)

Com esse intuito, foi assinado um contrato de aquisições de minérios estratégicos, como berilo, titânio, manganês, ferro-níquel, bauxita, quartzo e diamantes industriais. Por outro lado, Getúlio Vargas propôs aos Estadunidenses a troca desses recursos naturais por créditos e assistência técnica para aquisição de armamentos, tanques, munições, aviões e equipamentos de comunicação e engenharia, para a implantação de projetos voltados para a indústria. É notório que diversos fatores econômicos favoreciam uma aliança entre o Brasil e EUA.

A Europa conflagrada diminuiria suas importações do Brasil, e o país, produtor de café e de algumas poucas matérias-primas, restava o grande mercado Norte Americano. Em novembro de 1940, 14 países produtores de café e os Estados Unidos assinaram um acordo segundo o qual os americanos se obrigaram a comprar 15,5 milhões de sacas, 9,3 milhões das quais do Brasil. (AGRA, 2014, p.192).

Os Estadunidenses almejavam as instalações de bases em Fernando de Noronha, Natal e Belém, e o Brasil visava adquirir o máximo possível de concessões dos Estados Unidos em troca das facilidades militares oferecidas pelo norte e nordeste do país.

Segundo Pereira (2015 p.21) “No início da década de 1940, tornou-se evidente a impossibilidade de o país continuar protegido sob o teto da neutralidade pan-americana”. Os Estados Unidos declararam guerra contra o Eixo, e exigiram uma tomada de posição dos demais países do continente americano. Não era mais possível ostentar neutralidade (FERRAZ, 2005, p. 12). Após dezembro de 1941, quando o conflito ganhou proporção mundial, não sendo mais possível manter a neutralidade e, sob forte pressão por parte dos

Estados Unidos, a maioria dos países latino-americanos romperam suas relações diplomáticas com os países do Eixo. Em 1942, o Brasil rompeu as relações diplomáticas com o Eixo, tornava-se aliado dos Estados Unidos, entretanto a sua declaração de guerra, só veio ocorrer em 22 de agosto de 1942, em resposta às investidas dos Estadunidenses e ao afundamento de diversos navios brasileiros torpedeados por submarinos alemães. Sobre a impossibilidade de o país manter-se neutro, Pereira destaca que:

Quando o flagelo da guerra chegou a Pearl Harbor, fazendo estremecer o frágil abrigo da neutralidade continental, Getúlio Vargas viu-se forçado a procurar outra guarida sob o fogo cruzado das diplomacias norte-americana e alemã [...] Quaisquer alternativas possíveis implicariam, mais cedo ou mais tarde, a entrada do Brasil na guerra – trocando apenas os antagonistas. (PEREIRA, 2015 p.21).

A partir de uma pesquisa minuciosa em arquivos públicos, fundações e bibliotecas, a obra *O Brasil na mira de Hitler* do Jornalista Roberto Sander realiza uma ampla abordagem do momento histórico onde o Brasil ficou decisivamente na mira de Adolf Hitler. O autor conduz um relato pormenorizado das intensas negociações diplomáticas entre o Brasil e os Estados Unidos, durante a Guerra. Sobre a declaração de Guerra brasileira, onde o país entra diretamente no conflito, Sander ressalta que:

Em face dessa enxurrada de acontecimentos não restou ao presidente Vargas outra alternativa senão convocar o seu ministério para uma reunião, que seria o primeiro passo para o processo de redemocratização do país. Pela primeira vez depois do golpe do Estado Novo, que instaurou uma ferrenha ditadura no Brasil, uma medida governamental seria tomada com base num sentimento que vinha de fora para dentro do governo e que expressava um anseio legitimamente popular. A decisão era irrevogável: estava declarado estado de beligerância com a Alemanha e Itália. (SANDER, 2007 p.133)

2.1 O potencial Mineral de Picuí

Parte da microrregião do Seridó Paraibano, apresenta uma diversidade de rochas e minerais de alto valor econômico. Dentre os Municípios com maior ocorrência encontra-se o município de Picuí, rico em pegmatitos⁵, ou seja, rochas constituídas de quartzo, mica e feldspato.

⁵ De acordo com LUZ, et. all. (2003, p. 28): “[...] Genericamente falando, são corpos de rocha de composição granítica (quartzo-feldspática-mica), de granulação geralmente grossa, muitas vezes exibindo cristais gigantes [...]. Pegmatitos-graníticos constituem a maior fonte, em termos mundiais, de alguns metais raros, [...], além de representarem importantes depósitos de berílio, estanho, lítio, mica, gemas coradas, feldspatos, caulim e quartzo...”. Disponível em: < <http://mineralis.cetem.gov.br/bitstream/cetem/581/1/srmi-09.pdf> . Acesso em: 13 de Maio de 2021.

Segundo AGRA (2014, p.80) O município de Picuhy, desde seus primórdios, foi visitado por engenheiros especializados e autoridades de respeito no setor da mineração. De acordo com (OLIVEIRA, 1963) O francês Jules Destord, conhecedor de mineração, esteve em Picuí, no ano de 1899, enviado pelo governo da Parahyba, com a finalidade de desvendar as possíveis riquezas minerais presentes no Seridó. Como nos mostra o fragmento do relatório de Destord aqui transcrito:

“O primeiro terreno que explorei na minhas excursões pelo Distrito de Picuí, foi a colina do chapéu. Nessa colina- a parte superior- que é completamente despida de vegetação, se compõe de micaxisto, talescisto e, coisa rara e extraordinária em tais terrenos, de gesso. Como mineral metálico encontrei ali mercúrio em um sulfureto que é o cinabre, aliado a um sulfureto de ferro que lhe comunica uma cor morena, tirando-lhe assim o colorido vermelho característico que lhe faz dar o nome de vermelhão a China. O mercúrio também se acha discriminado em glóbulos microscópicos nos talescistos e nos crê. No andar superior dessa colina também encontrei o terreno siluriano superior, composto de rochas arenosas, de argila de custos e de calcário semicristalino. Nesta parte encontrei cobre e manganês, conhecido em mineração pelo nome de hausmanita. [...] As rochas encaixantes, assim Como os minérios já encontrados belas, fazem supor a existência de grandes riquezas minerais, como a prata, o chumbo e o arsênico que são próprios desses terrenos. O outros terrenos que examinei são as 'malacachetas' [...], 'Morro do Urubu' [...], 'Morro do Umbuzeiro cabeludo' [...] . São cristalizados, formam enormes massas sem disposição regular por camadas e são compostos de sílica associada a alumínio, aos álcalis e as terras alcalinas. Os minerais que se encontram como base fundamental, são os feldspatos, a granada, o quartzo, a mica, o anfíbolito, a turmalina etc. No andar inferior dessas colinas encontrei ainda os terrenos sedimentares da camada selurina, que se acham nas mesmas condições de metamorfismo, daquelas que encontrei na colina do chapéu. Esses terrenos de calcário tornam-se cristalinos e são impregnados de minerais, tais como as granadas, que também encontrei na colina de 'volta do Rio', do mesmo modo que aparecem ser de origem argiloso sentem transformado em cistos, penetrando neles a granada e o distinto. Esses terrenos são ricos de minerais também descobri o estanho oxidado no morro de Malacacheta; o estanho, a mica, a turmalina (Verde e preta) e a apatite, na colina do Urubu; o estanho, o manganês, o níquel e a granada, no 'Alto do Umbuzeiro Cabeludo'. [...]O estanho é de todos esses minérios o mais importante. O próprio terreno demonstra á primeira vista de existência do minério. Creio que as jazidas, cuja existência real verifiquei nesta parte que denominei 'Bacia do Acauã', se acham a pouca distância da cordilheira da Borborema, em cuja vizinhança as ações mecânicas, devido ao resfriamento da crista da terra e a contração que foi a consequência deles, produziram fendas, algumas vezes muito extensas, outras vezes muito pequenas, e por essa razão a mim aparece em diversos lugares da superfície da terra. As granadas, as gemas e o ferro alogista que encontrei, me fizeram crer na existência de ouro nesta paragens em que a natureza do terreno permite encontrar toda família das pedras preciosas, principalmente o topázio, que sempre acompanha as jazidas.”⁶

⁶ Estudos mineralógicos, realizado pelo engenheiro francês Jules Destord, determinado pelo decreto estadual nº 133, de 8 de março de 1899.

O fragmento acima referir-se a um inventário de possíveis recursos minerais da região do Seridó paraibano, o primeiro registro de grande relevância para a mineração de toda a região. Ainda como nos mostra o fragmento, Destord supôs a existência de grandes riquezas minerais no Distrito de Picuí.

Localizava-se no extremo oriente da Ásia e em alguns países europeus, as principais jazidas de minerais estratégicos. Com os enfrentamentos tornou-se praticamente inviável o traslado de minerais dessas localizações para os Estados Unidos. “Nesse período, os americanos necessitavam adquirir, a qualquer preço, minérios estratégicos, visto que as suas fontes de abastecimento haviam sido ocupadas pelos alemães na Europa e pelos japoneses na Ásia Oriental.” (ANDRADE, 1987, p. 14). Neste cenário, tendo em vista todas as dificuldades, os Estadunidenses viram na América Latina a capacidade de substituir os seus fornecedores. Com ênfase para o Brasil que logo assume um lugar de destaque e de grande importância. Sendo a única fonte de cristal de quartzo a qual os militares Estadunidenses tanto precisavam para a produção dos rádios. Pois, sem cristal não haveria Rádio, ou seja, não seria possível a comunicação entre eles. O quartzo também era essencial para a fabricação de radares e lentes para os binóculos já que a guerra havia assumido a natureza de guerra ótica. Além do cristal de quartzo, destaca-se a importância do berílio⁷, da mica e do diamante industrial que eram fundamentais para os Estadunidenses.

“Em 28 de setembro de 1942, pouco menos de um mês depois da declaração de guerra, o Governo Federal criou a Coordenação de Mobilização Econômica, órgão que deveria dirigir a mobilização de todos os recursos nacionais para a guerra. Essa mobilização compreendia o esforço de aumentar a produção nacional, especialmente de matérias-primas agrícolas e minerais para o consumo dos Aliados. Era a “Batalha da Produção”. Materiais estratégicos tinham sua produção ou extração intensificadas, como manganês, bauxita, cobalto, tungstênio, níquel, berilo, cromo, cobalto, cristais de quartzo, diamantes industriais [...] tinham como destino preferencial, quando não único, os Estados Unidos.” (FERRAZ, 2005, p.18)

Com a aliança firmada entre os EUA e Brasil, os recursos minerais do Seridó tornou-se moeda de troca, incluindo os minerais estratégicos produzidos em Picuí. Os trabalhadores foram facilmente recrutados, entre os agricultores que tinham na agricultura sua maior fonte de renda, durante o curto período de inverno, é ficavam boa parte do ano sem trabalho. Considerando que esse trabalho agrícola poderia ser desenvolvido pela sua família, enquanto o chefe tinha uma melhor remuneração no garimpo. Segundo Andrade:

⁷ Berílio: utilizado em lentes fotográficas dos aviões.

“Os altos preços oferecidos pelos americanos estimularam os proprietários de terra a iniciarem uma exploração, sob a forma de garimpagem de pegmatitos no Seridó norte-rio-grandense e paraibano. A mão de obra necessária, que não requeria grande especialização, [...] foi facilmente recrutada entre os agricultores que se dedicavam à cultura da terra, no curto período chuvoso, e ficavam a maior parte do ano ociosos.” (ANDRADE, 1987, p.14).

Os trabalhadores picuienses, contribuíram para a “Batalha da Produção”, deste modo atendendo a uma mobilização nacional, conforme citado por Ferraz:

“A guerra significou mudanças também no cotidiano dos trabalhadores nas cidades. O decreto de mobilização nacional para a guerra incluía o trabalho humano como recurso mobilizável. Os trabalhadores seriam, assim, os “soldados da produção”, expressão que Vargas utilizou em discurso comemorativo ao 1º de maio, em 1944.” (FERRAZ, 2005, p.19).

O Jornal *A União*, em julho de 1942, reproduziu uma reportagem da Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, que noticiou em sua página, o intenso desenvolvimento da mineração em todo o território nacional, com destaque para os municípios Paraibanos, entre eles o município de Picuí. Como nos mostra a matéria abaixo transcrita:

A mineração está se desenvolvendo de maneira impressionante em todo o território nacional. Até há pouco tempo, não se ouvia, por exemplo, falar em pesquisa mineral no Norte e Nordeste. Hoje, é intensa a exploração em vários pontos dessa região, sobretudo nos municípios de Picuí, Teixeira e Piancó, na Paraíba, onde existem o cobre, o estanho e até o ouro. (A UNIÃO, 22.07.1942, p.6).

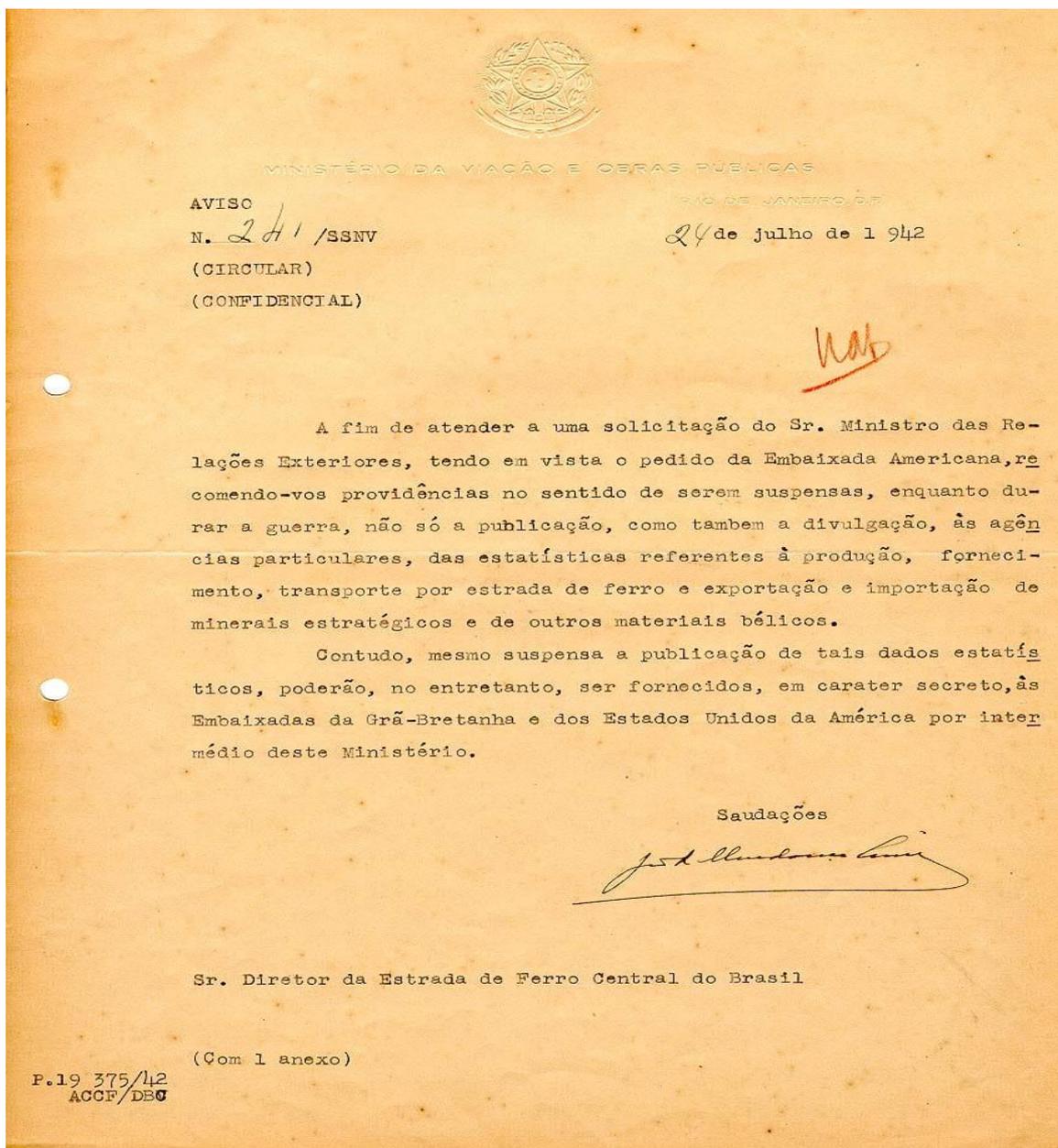
A notícia também traz informações acerca das instalações de um moderno laboratório para a realização de exames mineral, instalado na cidade Campina Grande – PB. O laboratório tinha como finalidade prestar informações e assistência técnica aos mineradores de todo o Estado. Tendo em vista que Campina Grande é um dos polos regionais mais importantes do Estado, além da questão de logística.

Procurando prestar informações e assistência aos mineradores, o Ministério da Agricultura instalou, em Campina Grande, no interior paraibano. Um moderno laboratório apto a executar todo e qualquer exame mineral. Possui essa dependência fornos para análise de minérios de ouro, aparelhos de eletrolise para minérios metálicos, etc. (A UNIÃO, 22.07.1942, p.6).

Em 24 de julho de 1942, o Ministério da Viação e Obras Públicas, emitiu uma carta à Diretoria da Central do Brasil sobre materiais estratégicos. O conteúdo da carta de caráter

confidencial, emitida pela pessoa do então Diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil. A carta recomendava a suspensão da divulgação de informações sobre a produção, exportação e importação dos materiais estratégicos e de outros materiais bélicos.

Figura 1- Carta do Ministério da Viação e Obras Públicas à Diretoria da Central do Brasil sobre materiais estratégicos.



Fonte:

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos3745/AGuerraNoBrasil/NegociacaoAlinhamento#>
 Acesso em: 24/03/2021.

3. O IMPACTO DA PRESENÇA NORTE AMERICANA NO IMAGINÁRIO E COTIDIANO DAS CRIANÇAS PICUIENSES DA DÉCADA DE 40.

3.1 Contextualizando a urbe, Picuí de 1940.

No início da década de 40, a cidade de Picuí estava sob a administração do Cel. José Maurício da Costa (1940 – 1942 / 1943 – 1945) que era um dos homens de confiança do interventor do Estado, Ruy Carneiro, nomeado Prefeito de Picuí por dois mandatos consecutivos. Sobre o engajamento do Prefeito no desenvolvimento do setor mineral na cidade, (OLIVEIRA, 1963, p. 51 – 52) nos conta:

O Tte. Cel. José Maurício da Costa, quando prefeito de Picuí (1940-1945), muito se interessou pelo desenvolvimento da mineração, chegando a administrar 14 “altos” (jazidas). Nesse setor, foi ele auxiliado pelo austríaco, Frans Buchegger - homem pratico e conhecedor profundo de minérios e pelo Prof. Josué Gomes da Silveira. Diversas amostras, cientificamente classificadas, teve ele de enviar para o Exército Nacional e para algumas autoridades, no Rio de Janeiro. (OLIVEIRA, 1963, p. 51-52)

O envio destas amostras se deve ao Decreto nº 12.104, de 26 de março de 1943, que autorizava o senhor Avelino Cunha de Azevedo e José Maurício da Costa a pesquisar substâncias minerais no município de Picuí. O documento é composto por quatro artigos, nos quais, são discriminadas as substâncias minerais a serem estudadas, em sete áreas do município. Outorgada nos termos estabelecidos no Código de Minas. Sobre a autorização do desenvolvimento desta pesquisa o artigo 1º nos diz que:

“**Art. 1º** - Ficam autorizados os cidadãos brasileiros Avelino Cunha de Azevedo e José Maurício da Costa a pesquisar, em terrenos situados no distrito e município de Picuí, do Estado da Paraíba, as substâncias minerais discriminadas nas sete áreas seguintes, perfazendo cento e vinte e seis hectares, dez ares e oitenta e dois centiares (126,1082 Ha)”⁸.

As memórias que conseguimos reunir sobre a cidade de Picuí, revelam uma cidade que por volta da década de 1940, ainda era marcada por aspectos rurais, de acordo com (MEDEIRO, 1950, p.201). “Picuí necessitava de boas estradas, de açudes, de escolas rurais, e de uma linha regular de transporte de passageiros e mercadorias”. O que nos leva a compreender, que a população rural da época, que era a maior parte dos habitantes picuiense, em sua maioria não tinha acesso à educação, bem como as dificuldades no que tange ao

⁸ Poder Executivo Federal. Decreto nº 12.104, de 26 de Março de 1943. Página 9 da Seção 1 do Diário Oficial da União (DOU) de 30 de Março de 1943

deslocamento para outras localidades. Em virtude das estradas e da ausência de uma linha regular de transporte. Ainda de acordo com (MEDEIRO, 1950) os dados do recenseamento de 1940, dão conta que o município de Picuí contava com uma população de 20.037 habitantes, assim distribuídos: 1.207 urbanos, 415 suburbanos e 17.835 rurais.

É importante ressaltar que nesse recorte temporal a cidade de Picuí, compreendia além da sede, os distritos de paz de Cubati e Pedra Lavrada, depois das vilas, as principais povoações do município eram: Frei Martinho, Nova Palmeira e Baraúnas. Territórios desmembrados nos anos posteriores, com as emancipações políticas destas localidades.

As fotografias utilizadas neste capítulo tem o propósito de recuperar indícios do passado, sem a intencionalidade de alcançarmos realidades ou verdades. Para fazer o uso da fotografia como fontes históricas, tivemos como referencial teórico Boris Kossoy.

Neste período a sede da cidade de Picuí, contava com o Banco Rural, Telégrafos, instalado desde 1917 e com a “Companhia de Energia Electrica de Iluminação”. Neste período, a região não contava com sistema de energia elétrica. A energia era movida por um motor gerador, que utilizava óleo para o seu funcionamento, a iluminação ocorria apenas nas três primeiras horas da noite, desligada durante o resto da noite, período em que as casas eram iluminadas por lampiões de querosene.

Figura 2 - Casa de Força



Fonte: https://www.instagram.com/p/Biw4QT1lohK/?utm_medium=copy_link Acessado em: 15/07/2021.

A fotografia da década de 40 mostra a fachada e a lateral da edificação em que foi instalado o primeiro motor gerador de energia, na cidade de Picuí, no ano de 1934. Conhecida como a “casa do motor da luz”. A edificação já não compõe o cenário atual da cidade.

Coriolano de Medeiros, em seu Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba, diz que em Picuí, existia:

“Uma avenida, 14 ruas, 6 travessas e 4 praças [...] conta o município uma rodovia ligando a capital, passando por Areia, Alagoa Grande. Internamente, e para o Rio Grande do Norte ou Município do alto sertão, dispõe somente de estradas carroçáveis, algumas delas de trânsito difícil.” (MEDEIRO,1950, p.202).

Figura 3 - Praça Getúlio Vargas.



Fonte: https://www.instagram.com/p/Bg453yaAk1g/?utm_medium=copy_link Acessado em: 15/07/2021.

Na imagem da década de 40, a Praça Getúlio Vargas, uma das principais praças da cidade, localizada na Avenida 24 de novembro, Centro da cidade. A praça foi construída na administração do Prefeito Cel. Maurício da Costa, nos anos 40. Na imagem é possível observarmos a utilização de quartzos tanto no monumento do Busto, quanto nos canteiros da praça, o quartzo é um dos minerais recorrentes na região, esse elemento natural foi bastante utilizado nos canteiros das praças da cidade, com o viés decorativo, fazendo referência ao seu potencial mineral.

Figura 4 - Praça João Pessoa

Fonte: https://www.instagram.com/p/Bgq9bpOg4RH/?utm_medium=copy_link Acessado em: 15/07/2021.

Na imagem, vemos a Praça João Pessoa, localizada no centro da Cidade, em frente a Igreja Matriz de São Sebastião, é um dos primeiros traçados urbanos da cidade. Na fotografia, percebemos uma urbe pacata, sem a presença de automóveis ou circulação de pessoas. Picuí durante as primeiras décadas do século XX é marcada por traços interioranos, de um povo simples, que girava em torno do meio rural e da agricultura.

Assim como na fotografia da Praça Getúlio Vargas, percebemos a utilização de quartzos nos canteiros da praça, A imagem mostra que a iluminação estava presente neste ponto do perímetro urbano, tendo em vista que a iluminação não chegava aos bairros mais distantes do centro da cidade.

Figura 5 - Movimentação comercial em frente a Sambra.

Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=205874316260081&set=a.109532525894261> Acessado em: 15/07/2021.

Nesta outra imagem da década de 40, mostra o edifício em que funcionou a Samba, local de beneficiamento do algodão produzido na região. A fotografia nos permite compreender o desenvolvimento econômico do Município, neste contexto além da intensa extração mineral, também existia a forte presença do mercado algodoeiro.

Na imagem, percebemos a movimentação comercial no local, que localizava se no centro da sede do Município, também é possível notar haver uma modernização no transporte da carga do algodão, bem como a coexistência do uso de animais para realizar o transporte do algodão produzido nas propriedades rurais para a Samba.

Figura 6 - Recepção do pracinha Armando Cunha.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bhxi14xFQVN/> Acessado em: 15/07/2021.

A fotografia datada do dia 21 de outubro de 1945 é um registro da recepção do Ex - pracinha o senhor Armando Cunha. Após a grande recepção, foi celebrada na matriz de São Sebastião uma missa em ação de graças pelo seu retorno, a missa foi celebrada pelo Pe. José da Cunha Barros, seu irmão. Na fotografia percebemos a grande movimentação ocasionada pelo retorno do Pracinha, o único picuiense a lutar efetivamente nos fronts de guerra, apesar de inúmeros jovens da cidade, ter sido enviado para a Guerra. A edificação no plano de fundo é a Igreja Matriz de São Sebastião, o aglomerado de pessoas na fotografia nos permite observar o aspecto religioso da cidade. A religiosidade é um forte traço cultural da sociedade picuiense, durante este contexto não era diferente. Na imagem conseguimos observar uma

abundância de mulheres, a presença das crianças também é bastante perceptível. A bandeira nacional, presente na fotografia, esboça o sentimento nacionalista presente na população, o automóvel do lado esquerdo é um símbolo da modernidade da Época, a presença de um único transporte, mostra que não era um bem de consumo acessível à maioria da população.

Figura 7 - Antigo Mercado público.



Fonte: https://www.instagram.com/p/BfdQmfwBUwZ/?utm_medium=copy_link Acessado em: 15/07/2021.

A fotografia da década de 40 mostra a Travessa Sete de setembro, ao lado do Antigo Mercado Público Municipal, que se localizava no centro da cidade. Na imagem é possível observar a sociabilidade existente no período. Ao lado direito a sinuca, ao lado esquerdo o mercado público construído no ano de 1908, durante o mandato do Prefeito Coronel Manuel Lucas. A edificação, de arquitetura imponente, construída em estilo de Arte D'eco na parte da frente e no estilo Eclético na parte dos fundos. O mercado passou por reformas no final da década de 30, um dos maiores mercados e mais belos do Estado da Paraíba, foi um importante centro comercial. Além de ser um lugar de comercialização, por mais de meio século foi um local de sociabilidades, festejos e recreação. Sem nenhuma responsabilidade com o patrimônio da cidade, o mercado foi demolido na década de 80. As imagens elencadas acima, nos permite ter uma noção da dinâmica social da sede da cidade, durante a década de 40, período abordado pela referida pesquisa.

3.2 Garimpendo lembranças: recordações das crianças picuienses da década de 40.

A importância dos documentos históricos, para o trabalho do historiador, se dá pela sua relevância como fonte subsidiária e complementar para o desenvolvimento da pesquisa em História, sendo esse um fator determinante para o prosseguimento dos estudos acerca de um eixo problematizador. Visando intensificar as pesquisas históricas, apontar e viabilizar novas versões acerca do período elencado.

O trabalho do historiador está profundamente ligado à análise de documentos, vestígios ou registros, deixados por seres humanos que viveram em outras épocas. Podendo esses registros ser escritos ou não, tendo em vista que:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (FEBVRE apud LE GOFF, 1992, p. 540)

De acordo com Karnal e Tatsch (2009 p. 24) “Todo documento que chega às mãos de um analista é um duplo milagre.” Trabalhar com documentos e fontes deste período é acessar uma memória gestada no esquecimento, seja por se tratar de documentos sigilosos, de caráter internacional, seja por alguns terem se perdido no tempo, deste modo apagando rastros da experiência do vivido. Ainda de acordo com Karnal e Tatsch (2009 p. 24) A existência de um documento é, em geral, uma combinação delicada da fortuna e da consciência.

Entretanto, em história tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar assim em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra forma. “Essa distribuição é o primeiro trabalho” (RICOEUR, 2007, p.178). Para o historiador tudo pode se transformar em um documento, conforme seja a interrogação feita a ele. De acordo com Michel Foucault, os problemas da história podem ser resumidos a uma só palavra: “A crítica do documento” (1969, p. 13). Ainda de acordo com (FOUCAULT, 1969, p.13), “O documento não é o feliz instrumento de uma história que seja em si própria e com pleno direito, memória: a história é uma certa maneira de uma sociedade dar estatuto e elaboração a uma massa documental de

que se não separa”. Neste sentido, “rastros, documentos, perguntas formam o tripé de base do conhecimento histórico” (RICOUER, *idem*, p.189).

Após mais de sete décadas do final da Grande Guerra é inviável encontrarmos um depoente que tenha vivenciado este período histórico na sua fase adulta. Portanto, os relatos analisados são de um documentário estreado a uma década atrás, no ano de 2011, em sua maioria com pessoas da terceira idade que vivenciaram e experimentaram o contexto da segunda guerra durante a fase da infância e adolescência.

De acordo com Marc Ferro, em uma análise filmica devemos observar o “visível e o não visível”. Considerando que até mesmo os filmes classificados como documentários que carregam consigo o status de objetividade e realidade, estão sujeitos a mecanismos de indução, ocultação ou falsificação. O olhar do historiador que analisa uma produção audiovisual deve ser aguçado e procurar desvendar o que está por trás, consciente ou inconscientemente, do visível.

Ao trabalharmos com relatos de pessoas que foram testemunhas oculares das transformações ocasionadas na dinâmica social e econômica Cidade de Picuí na década de 40, mas que só foram registradas por meio audiovisual, após passadas algumas décadas, consideramos que:

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, já não é a mesma imagem que experimentamos na infância, por que não somos os mesmos de então e por que nossa percepção alterou-se e com ela nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. (BOSI, 1994, p.55).

No Documentário, observa-se um afastamento intencional dos seus produtores, o que dá a impressão que os depoentes estão dialogando com os telespectadores, ao longo da produção apenas as vozes deles são ouvidas. Portanto, não temos ciência de quais questionamentos e direcionamentos foram emitidos a eles, direcionando seus relatos e depoimentos.

Ao analisarmos os relatos, observamos o impacto causado no imaginário dessas pessoas durante a fase da infância. Essas crianças não tinham interesses nas questões bélicas, armamentista, elas se sentiam angustiadas por essa presença repentina, e inesperada. Pouco se sabia da chegada dos norte-americanos ao território picuiense, o que gerava desconfiança e especulações. Sobre a chegada dos Estadunidenses, a pequena cidade do interior paraibano, o

Senhor Nozinho⁹, rememora: “Fardados, de capacete, andavam sempre de cabeça baixa e muito rápido. Era um grande mistério naquela época, já pensava-se que podia ser um campo de concentração que ia surgir aqui.”¹⁰

Os homens mencionados pelo senhor Nozinho, tratava-se de Estadunidenses, esses homens se encontravam na cidade de Natal, Capital do Rio Grande do Norte. Após a instalação da base americana no território potiguar, o que facilitava o sua deslocação para o interior do Estado do Rio Grande do Norte e do Estado vizinho, a Paraíba. Considerando, que a cidade de Picuí limita-se ao norte com o Estado do Rio Grande do Norte. Este fator facilitava o traslado dos materiais extraídos na região, que tinha como destino o Estado vizinho, de onde era enviado para os EUA através de navios. É importante ressaltar que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir com imagens e ideias de hoje as experiências do passado” (BOSI, 1994, P.55).

Ao longo do Documentário, teve-se um cuidado em selecionar os lugares da cidade frequentados pelos Estadunidenses e constituíram os espaços de vivências dos depoentes durante o período abordado. Grande parte dos cenários são minas, uma das edificações apresentadas nas cenas é um casarão da década de 1930, localizado nas esquinas das ruas Vicente Ferreira de Macedo com a Cel. Manoel Lucas de Macedo, no centro da cidade de Picuí. Este casarão pertenceu ao Sr. Vicente Ferreira de Macedo¹¹, é ficou conhecida como “Casa dos Americanos” isto por que durante a estadia dos Estadunidenses em solos picuienses, essa casa serviu de residência para oficiais norte-americanos instalados na região para a extração de minério. O depoente que visitou a casa durante a gravação foi o senhor Nozinho, sobre a estadia ele rememora:

“Aqui era o dormitório deles, é onde eles faziam os estudos que referia a missão que eles vinheram cumprir. É nessa fachada, desse prédio onde eles se encontravam, eles jogavam moedas de mil reis, quinhentos reis, nesse tempo, a moeda era reis, eles jogavam aqui pra as crianças, faziam a festa.”¹²

A edificação em questão, não teve suas características arquitetônicas preservadas, atualmente encontra-se descaracterizada, tendo seu espaço utilizado por um comerciante local. Acerca das alterações dos espaços e sociabilidades, Pesavento (1995) enfatiza:

⁹ Nozinho dos Santos foi garimpeiro, vereador e vice-prefeito de Picuí, faleceu em 30 de junho de 2014.

¹⁰ Trechos de relatos de memórias contidos no Curta-Documentário “URÂNIO PICUÍ” Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho.

¹¹ Vicente Ferreira de Macedo, foi um dos pioneiros da indústria extrativista de minérios.

¹² Trechos de relatos de memórias contidos no Documentário “URÂNIO PICUÍ” Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho.

Naturalmente, a forma de uma cidade, seus prédios e monumentos contam uma história não verbal, do que a urbe vivenciou um dia, mas, por mais que este patrimônio tenha sido preservado, os espaços e sociabilidades se alteraram inexoravelmente, seja enquanto forma, função ou significado.¹³

Essa nova dinâmica econômica da cidade, também é responsável pela inserção de crianças no mundo do trabalho das minas. A renda das famílias picuienses desde os primórdios advinha da produção rural, setor onde as crianças eram inseridas precocemente no campo do trabalho, diante da justificativa de que todos os membros da família precisavam contribuir com a renda familiar, desse modo assegurando sua alimentação. Nesse contexto, as famílias tradicionais tinham uma estrutura patriarcal, onde os homens eram considerados os chefes das famílias. Portanto, responsável pela sua administração financeira. Ao longo da história do país, as crianças pobres sempre estiveram inseridas no mundo do trabalho, como afirma Irma Rizzini.

O Brasil tem uma longa história da mão de obra infantil. As crianças pobres sempre trabalharam. Para quem? Para seus donos, no caso das crianças escravas da colônia e do Império; para os “capitalistas” do início da industrialização, como ocorreu com as crianças órfãs, abandonadas ou desvalidas a partir do final do século XIX; para os grandes proprietários de terras como bóias-frias; nas unidades domésticas de produção artesanal ou agrícola; nas casas de família; e finalmente nas ruas para manterem a si e as suas famílias.¹⁴

Ao adentrarem ao mundo do trabalho, durante a fase da infância, essas crianças têm responsabilidades de pessoas adultas, além de serem expostas a situações de risco. A vivência de infância experimentada pelas crianças advindas de famílias pobres é bem distinta da vivência de infância das crianças de famílias mais abastadas.

“É por isso que dizemos algumas vezes de alguns homens que eles não tiveram infância, porque a necessidade de ganhar o seu pão, impondo-se a eles muito cedo, forçou-os a entrar nos domínios da sociedade onde os homens lutam pela vida, enquanto que a maioria das crianças nem sabem que essas regiões existem; ou porque em consequência de uma morte conheceram uma espécie de sofrimento de ordinário reservado aos adultos, e tiveram que enfrentar no mesmo plano que eles.”¹⁵

¹³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. Revista Estudos Históricos, Vol. 8, N° 16, 1995, p.284.

¹⁴ RIZZINI, Irma. **Pequenos Trabalhadores do Brasil**. In: DEL PRIORI, Mary (org.). História das Crianças no Brasil. 7. Ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

¹⁵ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**, 2ª Ed. São Paulo: Revista dos Tribunais LTDA, 1990, p. 42.

Ao abordarmos a inserção precoce no mundo do trabalho vivenciada pelas crianças picuienses na década de 1940, por meio do uso das memórias registradas no Documentário *Urânio Picuí*, visando perceber as especificidades que esse contexto proporcionou aos depoentes. Apesar dos depoentes demonstrarem dificuldades em lembrar o contexto da infância com clareza, tendo em vista que as experiências da fase da infância não se diferem da fase adulta, em decorrência de toda uma vida regradada pelo trabalho.

A maioria dessas crianças se manteve no garimpo por toda vida, seja trabalhando na extração mineral ou administrando a abertura destas jazidas. Isto porque após esse período a mineração tornou-se o principal setor empregatício da região. O depoente Miguel Vitalino iniciou sua vida no garimpo aos nove anos, sobre a sua trajetória no garimpo ele relatou, “As minas da região quem descobriu quase tudo foi eu. Eu conheço todos os minerais, a mineração daqui, são dezoito qualidades de pedras que temos na região.” Sobre o contexto onde o senhor Miguel adentrou ao setor mineral, ele rememora:

“Trabalhei, eu era criança, eu estava com nove anos. Eu trabalhava de barraqueiro aí no Alto do Urubu, com companhia americana, porquê meus tios, meus pais adotivos era amigo, muito amigo do rapaz que era sócio com a companhia americana, aí fizeram a proteção, é me botou lá dentro, aí eu aprendi muita coisa naquela época.¹⁶

O Sr. Miguel é um das poucas testemunhas deste período que estão vivos. Lúcido, o Sr. Miguel é procurado por pesquisadores e estudiosos, quando o assunto é a passagem dos americanos no Seridó paraibano. Em virtude da Pandemia do Covid – 19, não foi possível entrevistá-lo, em respeito às medidas sanitárias.

Em uma entrevista concedida a Dantas (2017) o Sr. Miguel falou da sua atividade no garimpo e informações acerca de minas, na escrita da sua pesquisa, Dantas destacou que:

Em entrevista com antigos garimpeiros, como o Sr Miguel, que na época da 2ª Guerra Mundial era adolescente e trabalhou inicialmente cozinhando nos garimpos, mas depois tornou-se garimpeiro também, este afirmou ter cerca de 4 mil homens trabalhando no garimpo, em cerca de 20 minas isto no município de Picuí, tais como as minas: Tabua, Tanquinho, Caraúba, Cruzeiro, Alto do Urubu, Acauã e Alto do Damião, estas minas eram de posse de garimpeiros que possuíam outras fontes de renda, posses (fazendas, grandes e médias propriedades – Pedro Tomáz e Abílio César) (Entrevista realizada em 03/12/2016). (DANTAS, 2017, p. 34)

¹⁶ Trechos de relatos de memórias contidos no Documentário “URÂNIO PICUÍ” Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho.

Sobre o ingresso ao mundo do trabalho no garimpo, durante a fase da infância o senhor Severino Pereira Gomes¹⁷, também rememora:

“Com idade de sete a oito anos, fui trabalhar no minério mais meu pai, é quando os americanos chegou, aí abraçou todo mundo, vinha gente do sertão, do brejo, de todo canto, ninguém sabia trabalhar em minério. Aí quando terminou os americanos em 45, que eles terminaram, eles foram embora, mas aí muitas firmas, instalou-se empresa de mineração de exportação, então passei trinta anos nessa luta.”¹⁸

A partir do relato do senhor Severino Gomes, é possível compreender que essa nova dinâmica econômica, também gerou deslocamento de trabalhadores de outras regiões do Estado, para a região do Seridó. Também é notório que o não conhecimento das técnicas de garimpagem, relatadas pelo depoente, se devem ao fato dos trabalhadores serem advindos do setor agrícola. O depoente é uma das tantas crianças trabalhadoras que permaneceram desempenhando trabalho no garimpo.

O exercício de pensar o cotidiano destas crianças, nos leva a outras linhas que coexistiam com o trabalho. Silvia Petersen (1995) considera que o cotidiano é um território que compreende todo o ser humano. De modo que a vida cotidiana é como se fosse uma dimensão, aonde ocorre o desdobramento de ações, caracterizando as reproduções individuais e sociais. Para Petersen, a vida cotidiana não é limitada pela rotina, que o caracteriza, tendo em vista que o cotidiano é também o momento da vida:

“[...] se dão as interações, onde se produzem sentidos, onde surgem os amores, onde se substituem os interlocutores, onde sobrevém a catástrofe, onde a surpresa está presente, onde um sorriso, uma palavra, um ato provocam subversões imprevistas” (PETERSEN, 1995.p.10).

Inseridas no setor de trabalho extrativista mineral, essas crianças tiveram uma convivência com os estrangeiros Estadunidenses. Essa convivência teve impactos significativos no imaginário dessa população. Em virtude dos muitos rumores que circundavam na pequena cidade, em decorrência da interação entre acontecimentos de relevância mundial por um lado, e as estruturas da vida cotidiana por outro. Conforme Pesavento, o imaginário:

¹⁷ Severino Pereira Gomes trabalhou como agricultor, minerador e comerciante, foi Prefeito das cidades de Picuí e Baraúnas. Faleceu no dia 15 de julho de 2010.

¹⁸ Trechos de relatos de memórias contidos no Documentário “URÂNIO PICUÍ” Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho.

É esse motor de ação do homem ao longo de sua existência, é esse agente de atribuição de significados à realidade, é o elemento responsável pelas criações humanas, resultem ela em obras exequíveis e concretas ou se atenham à esfera do pensamento ou às utopias que não realizaram, mas que um dia foram concebidas (PESAVENTO, 2007, p.11-12).

Ao longo da análise dos diálogos, o relato de Dona Rita nos chamou atenção. A depoente relatou que no ano de 1942, havia sido convidada para cuidar das lavagens de roupa dos americanos que se estabeleceram na região. A depoente relembra: “Em 1942 fui convidada para tomar conta da lavagem de roupa dos Americanos. Eu era bem, mocinha tinha de 16 anos.” Dona Rita, em virtude do serviço que lhes foi atribuído, ela teve um maior contato com os estadunidenses, ao decorrer da fala de Dona Rita é possível observar um sentimento de intimidade, por parte da depoente:

“Eu já falei pra vocês que americano não confia em ninguém, é cada qual em seu lugar. É aquele pessoal, eu suponho, que eram gente do exército. É além do mais, tinha Dra. das Neres, que no meu ver era a chefona de tudo, era minha amiga gente, me convidou pra eu ir morar com ela. Não vou deixar a minha mãe pra ir pra América do Norte.”¹⁹

Nesse trecho também é possível observar a imagem que os picuienses formaram acerca dos “estrangeiros americanos”, assim denominados por eles, assim como o choque cultural ocorrido com a sua presença na cidade. Quando chegaram à cidade, os oficiais estadunidenses exerceram forte atração por serem muito educados, instruídos e pelas suas características físicas. Em um diálogo entre os depoentes, Rita de Medeiros e Zé de Berto,²⁰ Dona Rita recorda:

“Mister Kennedy é aquele bem alto, bem popular, passava a mão na sua cabeça [...] Mister Lins, era aquele senhor de boa estatura, galego, dos olhos azuis, muito educado, meio forte. Era Mister Lins. É Dr. Pimentel, que era o que dele? Porta voz né? Era secretario deles, era ali do Recife. Dra. das Neres era muito simpática, era uma senhora, assim, de 40 anos, a mais. É eu gostava muito deles e graças a Deus fui respeitada por todos.”²¹

O diálogo se passa no interior de um transporte, durante o trajeto Picuí - PB a Parelhas - RN. A viagem foi proporcionada pela equipe de direção do documentário, é tinha o intuito

¹⁹ Trechos de relatos de memórias contidos no Documentário “URÂNIO PICUÍ” Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho.

²⁰ Francisco dos Santos (Zé de Berto) foi maestro da Filarmônica Cel. Antônio Xavier, faleceu em 25 de julho de 2021.

²¹ Trechos de relatos de memórias contidos no Documentário “URÂNIO PICUÍ” Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho.

de visitar as instalações dos Estadunidenses na cidade de Parelhas. Local em que dona Rita visitou algumas vezes, durante o período em que ficou responsável pela lavagem de roupa dos oficiais, assim como Zé de Berto, que a acompanhava durante as viagens ao estado vizinho, servindo de companhia.

Figura 8 - Os depoentes Rita Medeiro e Zé de Berto, durante o trajeto para a cidade de Parelhas - RN.



Fonte: Urânio Picuí (2011)

Nesse período também ocorreu o choque cultural, entre às duas nacionalidades, de hábitos e costumes distintos, entre eles destacamos o idioma. Para ser possível a comunicação entre os Estadunidenses e Picuienses, era necessário que houvesse uma intermediação de um tradutor, que era chamado “porta-voz” pelos moradores, como foi observado na fala de Dona Rita. Um dos depoentes do documentário foi o Sr. Pedro Tomás, a entrevista se passa na sua residência, ambiente simples e marcado pela religiosidade, no documentário é destacado a imagem de um oratório de madeira e algumas fotografias da família, expostas na parede. Dono de uma vasta extensão territorial rica em minério, Pedro Tomás foi um dos grandes produtores de tântalo, como relata ao documentário: “esse tempo que o americano teve aí, eles só exploravam mesmo a scheelita e a tantalita, eu era produtor de tântalo”. Ao falar do contato que teve com os Estadunidenses, em um pequeno trecho selecionado para o documentário, Pedro Tomás, relata como ocorria a comunicação, ele pronuncia como os Estadunidenses o chamavam para ver o estoque de Berilo, um dos minerais produzidos em suas jazidas.

O depoente ressalta que ele não compreendia a fala dos americanos e que havia uma pessoa responsável pela intermediação do diálogo. Ao longo da sua fala percebe se a dificuldade em realizar a rememoração dos fatos, entretanto é perceptível aos telespectadores

que a recordação do período lhe trouxe boas lembranças. Ao rememorar os fatos, o depoente os relata com alegria, as falas vêm acompanhadas de sorrisos e risadas, há uma diversão ao recordar como ocorria a comunicação com os norte-americanos, com quem ele fazia a comercialização dos materiais extraídos de sua propriedade. Percebe-se que para ele, foram lembranças positivas. De idade avançada, esse é um dos últimos registros do Sr. Pedro Tomás em vida, pela sua longevidade e por vivenciar algumas mudanças ao longo dos seus mais de 100 anos, foi por muito tempo um guardião da memória do Município.

Figura 9 - Imagem do depoente, Sr. Pedro Tomás Dantas.



Fonte: Urânio Picuí (2011)

Acerca do contato com os oficiais norte-americanos, o Sr. Inácio Zacarias, também relatou como era a comunicação entre eles, é o papel dos tradutores no processo de comunicação:

“Ai quem entendia a fala deles eram os línguas, num sabe [...] A gente não entendia a fala deles não. Era uma zuada danada. Brabrabrabrabarba eles conversando parece um bando de papagaio novo [...] ele fazia aquela zuada danada, o caba não sabia o que ele estava dizendo. Ele tá dizendo isso assim, assim, assim, essa pedra é isso aquilo outro, dá pra isso, dá pra aquilo outro, dá pra aquilo outro, aí é que o caba entendia.”²²

Esse choque cultural com a cultura norte-americana, nesse contexto da década de 40, não foi uma vivência exclusiva dos habitantes picuienses, outros pontos do país tiveram essa

²² Trechos de relatos de memórias contidos no Documentário "URÂNIO PICUÍ Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho.

experiência, cada qual com a sua subjetividade. Em alguns lugares ocorreu apenas o impacto, um estranhamento, em outras localidades ocorreram a influência na nomeação de lugares públicos e na implementação de novas palavras no vocabulário local. Durante a presença dos Estadunidenses em Picuí, ocorreu uma troca cultural, que resultou na repetição de costumes e comportamentos, também foi observada a influência norte-americana no ato de nomear os filhos, algumas famílias picuienses deram nomes americanos aos seus filhos. Entretanto, em Picuí não se observou a perpetuação desse comportamento. Diferente de outras cidades como Natal – RN, que até mesmo por experimentar um choque cultural bem mais intenso, do ponto de vista do contingente de Estadunidenses que estiveram presente no território potiguar. Adquiriram novas palavras de origem Americana, que até os dias atuais permanecem no vocabulário potiguar, outro ponto é a nomeação de lugares públicos como ruas e comércios, comportamento que não se teve registro em Picuí.

“A presença dos galegos (designação usada pelo homem do povo para identificar qualquer estrangeiro) motivou a aprendizagem da língua inglesa, ao ponto de que, já ao término da guerra, muitos natalenses falavam e escreviam corretamente esse idioma. Tornara-se comum o livrinho ‘Safanço’ (dicionário com as frases mais comuns para se conversar e traduzir a língua inglesa, com a grafia e a pronúncia figurada), verdadeira tábua de salvação para aqueles que tinham necessidade de conviver com os americanos, principalmente mocinhas que sonhavam casar com oficiais de Tio Sam, ou espertos comerciantes de rua” (Aguiar, 1931, p.32).

4. AS REPRESENTAÇÕES DOS “TEMPOS DOS AMERICANOS” E A INVISIBILIDADE DAS MULHERES PICUIENSES DA DÉCADA DE 40.

Pretende-se mostrar quais representações acerca deste período foram construídas, pois, as representações é uma construção, que seleciona e escolhe, ao fazer determinadas escolhas, automaticamente outras são excluídas, conferindo-lhe um caráter excludente. Ao excluir determinadas abordagens e privilegiar outras, aumenta as lacunas existentes a cerca de um determinado grupo ou contexto. Deste modo as representações elencadas foram o capítulo *VII - Riquezas do subsolo* da obra de OLIVEIRA (1986), AGRA (2014) e o Documentário *Urânio Picuí*, trabalhado ao longo da escrita desta pesquisa.

Abílio César de Oliveira foi o primeiro escritor que se propôs a escrever sobre a história da cidade de Picuí. Sua pesquisa contribui para compreendermos essa dinâmica em todo o Seridó, em especial em Picuí, a partir de uma escrita de cunho memorialista. No VII capítulo da sua obra “Município de Picuí (Esboço histórico), intitulado “Riquezas do subsolo”, Oliveira traçou a trajetória da mineração no município de Picuí, desde o primórdio, abrangendo o ano de 1943, período da chegada dos norte-americanos as terras seridoenses”. O autor nos apresenta personagens que marcaram essa trajetória, com o intuito de conservar este acontecimento para a posteridade, Oliveira preocupou-se em registrar dados estatísticos, acontecimentos e personagens. O amplo apanhado de fontes consiste em uma das características que marca os escritos memorialísticos, na escrita deste capítulo, percebe-se a vasta pesquisa realizada acerca dos apontamentos nele propostos. Oliveira elencou produções que contemplam informações referentes às riquezas minerais do Município de Picuí.

O autor cita os Boletins, publicados pelo Ministério da Agricultura, enfatizando que esses documentos forneceram subsídios para o conhecimento dessa diversidade mineral, inclusive as de caráter bélico. O capítulo é concluído fazendo a afirmação de que os municípios de Picuí e Pedra Lavrada são conhecidos em toda parte do mundo, principalmente pelos Estados Unidos. Ainda segundo o autor, foi realizada a confecção de mapas de toda a região mineralógica, mapeando as jazidas, que produziram minérios que contribuíram para a vitória dos Aliados, durante a Segunda Guerra Mundial:

A verdade é que os municípios de Picuí e Pedra Lavrada são hoje, conhecidos em todas as partes do mundo, principalmente nos Estados Unidos da América do Norte, onde foram, até, confeccionados mapas da região mineralógica, que produziram minérios para a vitória dos Aliados. (OLIVEIRA, 1963, p. 52).

A presença dos Estadunidenses em solos picuienses foi registrada apenas durante o período da guerra, sua estadia foi rápida, mas a extração mineral se perpetuou pelas décadas seguintes. Após o fim do estado de beligerância mundial, os oficiais Estadunidenses se retiraram da região, deixando histórias e recordações, que marcaram o imaginário e o cotidiano dos picuienses da época. Após o término da guerra, foi construído um discurso local, de que Picuí teria contribuído para o desfecho final da guerra, imergindo na população um sentimento de missão cumprida. Em 1963, Oliveira afirmou:

Com muita razão, foi dito alto e bom som, em praça pública, por ocasião das festas cívicas, realizadas em memoração á vitória dos aliados, na maior e mais sangrenta guerra mundial, que o tântalo e o berilo, extraídos do nosso subsolo, muito auxiliaram os nossos irmãos a esmagar, não a grande raça ariana, vítima apenas de êrro de política internacional, mas o perigoso inimigo da humanidade – o Nazismo! (OLIVEIRA, 1963, p. 49).

Ainda sobre Picuí, trata-se de outra perspectiva teórica, o trabalho de Agra (2014), advogada, jornalista e memorialista, autora de diversos livros, entre eles *Picuí do Seridó século XX, 1900 – 1950*. Essa obra é visitada por aqueles que desenvolvem pesquisas acerca da história do município de Picuí, ela faz o exercício de agrupar informações do âmbito local, atrelando a conjuntura mundial, nacional e estadual.

A autora contempla o recorte temporal das primeiras décadas do século XX, em Picuí, elencando datas, eventos e fatos, relevantes para a cidade. Assim como Oliveira, Agra faz uma “história global” de Picuí. Entretanto, ao longo da sua escrita não existe teor de criticidade às fontes, aos relatos, as datas mencionadas ao longo do trabalho. Entretanto, não podemos exigir de um memorialista o rigor, como é elaborado a narrativa histórica elaborada por um historiador, que teve uma formação acadêmica para desempenhar a criticidade das fontes, o seu fazer historiográfico, bem como as demais questões pertinentes ao campo da história enquanto uma Ciência. Ambos os escritos são de grande valor para a conservação da história de Picuí e de toda a Região do Seridó, bem como para os futuros estudos historiográficos.

No tocante a representação do “tempo dos americanos” no documentário *Urânio Picuí (2011)*, é perceptível que para além de registrar os relatos de memória, a produção

cinematográfica tem a intencionalidade de se aprofundar e registrar uma lenda local que ganhou força durante o final da Segunda Guerra. Marcando o imaginário da população da época. Esse episódio é recorrente nas obras elencadas acima, por vezes foi revisitado por pesquisadores e leigos. É importante destacar que nenhuma das obras enveredaram para a afirmação, mas sim por um viés do campo do imaginário/mentalidades, mostrando discursos que os fizeram perpetuar a lenda ao longo das décadas. Estes rumores não foram específicos da cidade de Picuí, os habitantes do Seridó Potiguar também especularam sobre a possibilidade da bomba atômica que explodiu a cidade de Hiroshima, ter sido construída com os materiais extraídos das minas potiguares.

O documentário tinha como principal objetivo revisar a lenda existente acerca do Urânio e da sua existência nas terras picuienses, portanto a maioria dos relatos voltou-se para essa temática. Não foram abordados os espaços de trabalhos, as suas sensibilidades e as relações existentes. O que é bastante compreensível, já que a proposta do documentário não era essa.

4.1 Garimpendo Memórias subterrâneas: A invisibilidades dos trabalhos subalternos das mulheres da década de 40.

Dentre as principais lacunas existentes acerca deste período histórico, vivenciado pelos Picuiense na década de 1940, destacamos o papel das mulheres picuienses. No tocante às mulheres, a preocupação maior era com os familiares que estavam desempenhando atividades nas minas. As mulheres da época tinham suas ações voltadas para a família. O local social que as mulheres seridoenses ocuparam durante a batalha de produção é praticamente inexistente, nos estudos locais acerca desse período. Segundo, Michelle Perrot (2003, p.13) “Há muito que as mulheres são esquecidas, as sem-voz da História”.

Poucos detalhes se sabem sobre o papel ocupado pelas mulheres picuienses daquela época. Nos escritos de Oliveira (1963), não há menções às mulheres, a escrita de Oliveira sobre Picuí, principalmente no Capítulo aqui trabalhado, é de caráter excludente, considerando que quase não existem narrativas sobre as mulheres na sociedade picuiense. A participação feminina tanto no âmbito público, quanto no privado passaram despercebidos em sua obra. Às únicas mulheres citadas ao longo da obra, que contempla um largo recorte temporal, são as professoras, isto porque ele se propôs a narrar sobre o setor educacional do município no capítulo X “*Instrução primária*” e descrever a formação familiar de famílias importantes. Embora tenha sido contemplado um abrangente recorte de tempo, não houve a

mesma preocupação em contemplar todos os grupos que fizeram parte da história do município. Já na obra de Agra (2014), às mulheres que participaram deste fato histórico são pouco mencionadas. É enfatizado que em virtude da nova forma de trabalho, os homens que até então exercia o trabalho agrícola e articulavam as famílias, ficaram um maior período fora de suas residências, diante desta alteração, as mulheres administraram as atividades agrícolas. Portanto, ao que tange a história das mulheres, no âmbito local, nos deparamos com escassez de escritos, possivelmente por realizarem seus trabalhos no âmbito privado, desempenhando um trabalho invisível para a sociedade, que enxerga o trabalho doméstico como uma obrigação feminina, sem grande relevância.

Em primeiro lugar, porque as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. (PERROT, 2019, p.16)

O apagamento das mulheres na história e a diminuição dos papéis desempenhados por elas eram corriqueiros e naturalizados, essa ausência das mulheres na escrita da história, foi problematizada recentemente. Uma situação que apesar de ser bastante perceptível, vamos percebendo gradualmente, o que é uma consequência desta naturalização arraigada na sociedade. Não precisamos de uma análise profunda para perceber, a facilidade com que as mulheres praticamente somem dos relatos oficiais, quando são raramente mencionadas, são limitadas aos papéis de coadjuvantes: mães, esposas, amantes. Ou seja, apenas como um detalhe menos relevante para as narrativas produzidas.

O desaparecimento das mulheres em uma narrativa histórica acontece de modo muito singelo, quase imperceptível, ao descartar a participação feminina, avaliando como irrelevante ou insignificante. Existe uma grande responsabilidade, no ato de determinar o que é importante e o que não é, para um registro histórico, há um poder em determinar o que será conservado para a posteridade e o que deve ser esquecido, apagado.

Na história do Brasil, muitas mulheres foram apagadas da história, consideradas desimportantes. O que nos restringe ao acesso de uma parte importante da memória do país, dos acontecimentos que nos constituíram enquanto sociedade. As mulheres que tiveram seus nomes registrados nos escritos históricos, na grande maioria das vezes, têm as suas histórias resumidas, silenciadas e desqualificadas. Mulheres que participaram ativamente de

importantes acontecimentos políticos na história do país, foram rotuladas como traída, mundana, desequilibrada, entre tantos outros.

Sem a inclusão das mulheres nas narrativas e registros oficiais, é impossível contar a história de uma sociedade inteira. A ausência de registro perpétua a ideia, recorrente no conhecimento empírico, de que a participação das mulheres nas pautas sociais e políticas, são insignificantes, secundária, fomentando a premissa de que as mulheres se restringiram apenas aos âmbitos privados, domésticos e familiares. Ao resgatarmos as memórias das mulheres, suas lutas, estratégias de enfrentamento, solidariedade e seus feitos, evitamos que seus registros sejam selecionados como insignificantes.

A recente inclusão das mulheres no campo da historiografia tem revelado não apenas momentos inesperados da presença feminina nos acontecimentos históricos, mas também um alargamento do próprio discurso historiográfico, até então estritamente estruturado para pensar o sujeito universal, ou ainda, as ações individuais e as práticas coletivas marcadamente masculinas. Como se a História nos contasse apenas dos homens e de suas façanhas, era somente marginalmente que as narrativas históricas sugeriam a presença das mulheres, ou a existência de um universo feminino expressivo e empolgante. Todo discurso sobre temas clássicos como a abolição da escravatura, a imigração européia para o Brasil, a industrialização ou o movimento operário, evocava imagens da participação de homens robustos, brancos ou negros, e jamais de mulheres capazes de merecerem uma maior atenção. (RAGO, 1995, p.81)

Acerca da participação das mulheres na produção mineral, no recorte abordado, existe uma lacuna, não se tem dados sobre a presença de mulheres nas minas Picuiense, sejam elas desempenhando o papel de cozinheira ou auxiliar dos garimpeiros nas lavras. Diferente da cidade de Currais Novos, no Rio Grande do Norte, que de acordo com (BEZERRA, 2014) uma das principais testemunhas desse período, era uma mulher de nome Cícera Alves. Os relatos trabalhados por Bezerra mostra que existia a presença de mulheres nesse contexto, desempenhando trabalhos nas banquetas, essas mulheres eram filhas e esposas que contribuem no trabalho de extração do minério, um trabalho a mais, já que elas também tinham que realizar os trabalhos agrícolas e os afazeres domésticos.

De fato houve essa presença feminina, nas minas potiguares, embora não se tenha uma noção de quantas mulheres desempenharam esse trabalho no garimpo. Em Picuí não existem relatos nesse sentido, uma das principais testemunhas desse período foi à senhora Rita Medeiros, que desempenhou o trabalho de lavadeira, ela é a única mulher mencionada nos escritos de Agra, é também a única mulher picuiense a relatar no documentário a realização de um trabalho fora de casa.

No documentário também foi selecionado o depoimento da Senhora Maria Claudina, também conhecida como “Lia Modesto”, ao longo do Documentário, Dona Lia, relatou:

O meu esposo, chamava-se Vicente Ferreira de Macedo, filho da terra, o primeiro explorador de minério, porque ele acompanhou os primitivos. Chega a guerra, aí vem esse pessoal para cá com condição de explorar [...] Era um isolamento meu deus, tão grande, que ninguém entrava naqueles prédios. Era muito minério, meninos era minério que nunca mais vou ver, foi muito explorado, Picuí. Mesmo depois da guerra, mesmo que desvalorizasse, o Americano ficou comprando minério. Meu marido era...²³

Esposa de Vicente Ferreira de Macedo, o pioneiro na mineração picuiense, Dona Lia, ao longo de sua fala, não relata ter desempenhado algum trabalho, mesmo que o tenha desempenhado. No decorrer da sua fala ela limitou-se a destacar a trajetória do seu Esposo, o papel que ele desempenhou neste período e algumas memórias acerca da exploração mineral na cidade.

Os arquivos públicos trazem o olhar dos homens, que em sua maioria estão mais preocupados com eles próprios, o olhar masculino sobre as mulheres tende a silenciá-las, principalmente no que diz respeito à vivência individual de uma mulher, os vestígios femininos são apagados, em grande parte por elas próprias, a um pudor no que diz respeito à memória feminina. (LIMA, 2019, p.21).

Figura 10 - Fotografias do casal Maria Claudina e Vicente Ferreira de Macedo



Fonte: Urânio Picuí (2011)

²³ Trechos de relatos de memórias contidos no Documentário "URÂNIO PICUÍ Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho.

Ao longo do depoimento alguns detalhes da residência foram destacados, como as fotografias do casal emolduradas na parede. Esta imagem nos ajuda a perceber que a escolha da depoente, teve relação direta a figura do seu esposo, embora ela tivesse memórias pertinentes do período, é bastante importante para a conservação da memória da época, o fator determinante para a sua participação no documentário, foi à vida do seu falecido esposo.

5. A MINERAÇÃO PICUIENSE DEPOIS DE 1945: O ANO QUE A “MODERNIDADE” ACABOU

Durante o início do século XX, até a assinatura dos acordos firmados entre o Brasil e os Estados Unidos, a produção de minério em Picuí manteve-se sem alterações significativas desde as primeiras atividades de extração de minério, alterada quando passou a ter uma maior demanda de minerais, por parte dos compradores individuais e companhias de mineração. Algumas das principais companhias atuantes na região eram a Companhia Mineração Picuí (C.M.P.), Silveira Brasil & cia. (S.B.) e a Companhia de Mineração nordeste (C.M.N). Dentre elas destacaram-se a Silveira Brasil & cia, que exportou em torno de 55% da produção de tantalita da região, Segundo Scorza (1944, Apud LIMA, 2013, p.29) “estima-se que nos sete primeiros meses do ano de 1942, a firma Silveira Brasil & Cia, produziu mensalmente 12 toneladas de tantalita–columbita e 150 toneladas de berilo, responsável por gerar cerca de 3 000 mil empregos entre operários e garimpeiros”. Conforme AGRA (2014, p.195) essas companhias “não atuaram como empresas de mineração”, mas sim como “firmas garimpeiras ou de garimpagem”, já que suas atividades estavam voltadas para a comercialização de bens minerais produzidos pelos garimpeiros e para o controle dos principais garimpos da região”. Ainda de acordo com AGRA (2014), não havia uma preocupação maior da parte delas em tentar desenvolver nessas áreas uma mineração organizada sob o ponto de vista técnico, a despeito de possuírem, ao que parecia, capacitação financeira suficiente para isso. Apenas em 1943 com orientações técnicas do DNPM, com a comissão de compras do Governo estadunidense, os pegmatitos passam a ser realmente trabalhados. Como afirma Luz e outros autores²⁴:

“É importante salientar que toda a operação foi conduzida pelo DNPM. e pela Comissão Americana de Compras, com o suporte técnico do U.S. Geological Survey. Em razão das demandas do esforço de guerra. a prioridade era produzir a qualquer custo, induzindo na região uma cultura de lavra ambiciosa e predatória.”

Consta que a forma de garimpagem tradicional era um trabalho executado basicamente com a utilização de instrumentos técnicos de pouca eficiência, acarretando uma baixa produtividade, além de grande esgotamento físico dos trabalhadores. Os garimpeiros faziam o uso de instrumentos técnicos como pás, pixotes, picaretas, marreta, alavanca, padiola e peneiras. Com relação ao transporte da produção, os garimpeiros tinham como principal meio

²⁴ LUZ et. all., 2003, p. 30. Disponível em: < <http://mineralis.cetem.gov.br/bitstream/cetem/581/1/srmi-09.pdf>. Acesso em: 6 de Julho de 2021.

de transporte, o lombo de animais, que auxiliavam tanto nos trabalhos de lavra quanto no escoamento da produção. Todavia, também havia lavras onde os instrumentos e as técnicas utilizadas eram bastante avançadas com relação às técnicas tradicionais daquela época. Algumas companhias contavam em seus arsenais técnico-operacionais com máquinas de grande eficiência e rapidez, além de contar com o auxílio do uso de explosivos. Esse desenvolvimento se deu em virtude das necessidades que surgiram com a guerra, dessa maneira com o intuito de aumentar a produção desses minerais, em curto prazo, impulsionou a comissão americana de compras a modernizar os garimpos, que até então recorriam a meios rudimentares. “[...] trouxeram vários instrumentos técnicos de aplicabilidade na mineração, com um conteúdo maquinário que passou a ser utilizado no meio mineiro que praticamente não conhecia mecanização em seu processo produtivo.” (VASCONCELOS, 2006, p. 48). Como relatou o Sr. Emanuel Remígio:

“Eu sou um garimpeiro criado no garimpo, eu trabalhei aqui, fui criado em cima desse alto. Quem mandava aqui era Vicente Silveira Brasil e Pedro Tomás, que era o dono. Silveira Brasil, ele fazia negócio com Americano, em todo minério da região, Americano dava o maquinário e o material.”²⁵

Figura 11 - O Sr. Emanuel Remígio, no alto onde passou uma parte da infância e de onde tirou o sustento da sua família por anos.



Fonte: Urânio Picuí (2011)

Os Estadunidenses trouxeram o que havia de mais moderno, naquela época, equipamentos pesados como compressores, moinhos, martelotes, dentre outros. Durante a fala do senhor Nozinho, no Documentário *Urânio Picuí*, em uma visita a uma das localidades ocupadas pelos estadunidenses, o depoente relatou as experiências que teve como morador

²⁵ Trechos de relatos de memórias contidos no Documentário "URÂNIO PICUÍ Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho.

das proximidades do local onde eram armazenados os explosivos é ocorria uma constante movimentação. Além do impacto da utilização de explosivos para os desmontes das rochas:

“E eles escolheram essa montanha para fazer seu paiol de explosivo. Então foi uma luta muito grande. A gente era vizinho aqui e ficava quase intoxicado com a fumaça do explosivo que era uma nuvem de fumaça dentro dessa montanha aqui. A gente morava ali perto e sentia essa movimentação aqui muito grande.”²⁶

A área em questão é uma localidade rural. Levar esta informação em consideração nos permite compreender que ocorreu uma modificação na dinâmica deste lugar. Através da implementação das novas técnicas e instrumentos.

Figura 12 – O Senhor Nozinho relata o impacto da utilização de explosivos para a realização da abertura de minas, na imagem o local utilizado para armazenar os explosivos durante a década de 1940.



Fonte: Urânio Picuí (2011)

Os desmontes das rochas eram iniciados pelas companhias com suporte técnico, na horizontal, com abertura de galerias, onde eram instalados os trilhos para o uso de vergonetas. Diferente do que realizavam os garimpeiros tradicionais, que iniciavam os trabalhos de desmonte na vertical. Como ressalta o senhor Inácio Zacarias:

“Agora esses túnel aqui eu não sei onde vai dá. Porque já comeram por cima e abriram galeria. Aqui era túnel embocado túnel né. Foi quem ensinou o

²⁶ Trechos de relatos de memórias contidos no Documentário "URÂNIO PICUÍ Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho.

povo a fazer túnel foi os americanos. Aqui o povo sabia fazer aquelas banquetinhas, aquelas coisas[...].”²⁷

Este relato evidencia uma troca de conhecimento entre os Estadunidenses e os Picuienses. Esse conhecimento facilitou o trabalho dos garimpeiros da época, e foi repassado para as gerações seguintes. No que se refere ao trabalho da produção e de auxílio nas lavras, as companhias utilizavam caminhões, o que é mais uma evidência de modernização em relação ao garimpo tradicional da região. A respeito, o senhor Nozinho, Lembra:

“Aqui no ano de 1943, os americanos chegaram aqui, numa madrugada, que o pessoal da cidade ficaram com muita atenção, com muito cuidado. Com aquele mundo de carro, jipes 41, Caminhão de 6 Pneus, ninguém tinha visto ainda [...]”²⁸

A partir da fala do senhor Nozinho, percebemos como a presença dos Estadunidenses desencadeou uma maior atenção, sob os novos visitantes da cidade. Também fica claro que até então no município de Picuí, não havia sido visto alguns dos modelos de automóveis citados pelo senhor Nozinho. A vinda dos norte americanos implementaram esses transportes na dinâmica urbana da cidade, modelos até então desconhecidos pela população local. De acordo com (MEDEIRO, 1950), em seu Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba, no ano de 1942, o município de Picuí, contava com 8 automóveis, um motociclo, 10 caminhões e 50 carros de boi.

A circulação de animais como meio de transporte era parte do cotidiano da urbe, já que grande parte do território de Picuí era rural, e coexistiu com o perímetro urbano. É importante enfatizar que o automóvel não era um bem de consumo acessível para a maioria das famílias Picuienses.

Através dos relatos de memórias, como a do senhor Zé de Berto, é possível observar o quanto os automóveis modernos, eram novidade para a população picuiense daquela época: “Eu achava bonito os carros dos americanos subir a serra. Aqueles jeepão subindo a serra. Há, pra mim era uma diversão muito grande”²⁹.

²⁷Trechos de relatos de memórias contidos no Documentário “URÂNIO PICUÍ” Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho

²⁸Trechos de relatos de memórias contidos no Documentário “URÂNIO PICUÍ” Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho.

²⁹Trechos de relatos de memórias contidos no Documentário “URÂNIO PICUÍ” Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho.

Já do ponto de vista do desenvolvimento urbano, AGRA (2014, p.197) afirma que “a sede municipal de Picuí tornou-se centro de comercialização mineral regional, bem como ponto de apoio e de estadia para os técnicos e agentes administrativos das companhias de mineração, além de técnicos de órgãos governamentais diretamente relacionados à mineração”. Neste período a cidade de Picuí consistia em um dos maiores e mais importantes polos urbanos de toda a região do Seridó.

Os dados do DNPM/DFPM (1942, apud FORTE, 1994) mostra uma modificação relevante na Produção mineral procedente dos pegmatitos da Província Pegmatítica Borborema – Seridó, os dados informam as toneladas de minerais (tantalita – columbita e Berilo), extraídas em cada ano, no período que vai de 1938 a 1944. Segundo a informação, no ano de 1938 foi extraído 38 (t) de Tantalita – Columbita e 262 (t) de Berilo, percebe-se um que a extração teve um aumento significativo nos anos posteriores, no ano de 1944, foram extraídos 180 (t) de e tantalita – Columbita e 1.500 (t) de Berilo.

Em decorrência do final da Segunda Guerra, a mineração picuiense assim como a economia é fortemente afetada com o expressivo desaquecimento do mercado mineral, o que faz com que muitas das formas criadas especialmente devido à guerra, fossem destituídas de suas funções na exploração. Após o fim da guerra, os profissionais e especialistas voltaram para os Estados Unidos, sem deixarem grandes contribuições para haver avanços nas pesquisas e exploração de minérios na região. Não fazia parte dos interesses dos pesquisadores norte-americanos, que os garimpeiros locais dessem continuidade ao trabalho que vinha sendo desenvolvido ao longo do período de beligerância. Ao deixarem os solos picuienses, levaram consigo todas as tecnologias, isso deixa claro que os interesses giravam em torno dos recursos minerais, em prol da sua Nação. Nesse contexto, conforme nos diz FERRAZ, (2005):

“Foi um movimento ilusório. Depois do fim da guerra, os norte-americanos deixaram as bases, as cidades e suas instalações. Em todo o litoral do Norte e Nordeste, onde haviam sido instaladas bases dos Aliados, praticamente nada foi deixado. Assim como aconteceu com a produção e exportação de materiais estratégicos para a guerra, não houve um impulso ou estímulo para o desenvolvimento regional, e as cidades que prosperaram durante a guerra acabaram retornando ao seu cotidiano quase secular.” (FERRAZ, 2005, p. 30-31).

O processo produtivo, após 1945, volta a ser o tradicional, rude e de base empírica, como anteriormente. A modernização técnica desaparece praticamente, com o término da sua

participação na guerra, às companhias de mineração deixaram de atuar em Picuí e em toda a região mineral do Seridó. Os minerais produzidos nesta localidade já não tinham o mesmo valor estratégico para os norte-americanos. Quando o conflito terminou, a diferença tecnológica entre as potências industriais (que continuaram produzindo para os esforços nacionais de guerra) e a indústria brasileira ampliou-se brutalmente (FERRAZ, 2005, p.20).

As poucas companhias que permaneceram na região restringiam apenas às operações na compra, sem interesses no processo de produção, que começou ser responsabilidade dos garimpeiros, que voltaram a usar técnicas de extração com instrumentos de pouca eficiência e sem auxílio das máquinas. A atividade mineral se constitui nas décadas posteriores como a principal atividade econômica da cidade.

“De qualquer modo, é motivo de satisfação para todos nos picuienses e paraibanos, a existência dessas reservas minerais constituindo, hoje, o seguro “ganha-pão” dos nossos garimpeiros.” (OLIVEIRA, 1963, p. 48).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das últimas décadas os escritos historiográficos acerca da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) tem se intensificado. Entretanto, alguns aspectos acerca do impacto da guerra na nação brasileira, em destaque nas cidades interioranas do Estado da Paraíba, ainda não foram intensamente estudados. A historiografia paraibana é permeada por lacunas, no que tange a esse recorte temporal, o que requer uma melhor análise das fontes produzidas nesse período.

Por meio da escrita deste trabalho, foi possível perceber os impactos da Segunda Guerra Mundial na dinâmica social e econômica do município de Picuí-Pb, assim como, conhecer a trajetória de uma das atividades econômica mais importante da cidade; À mineração, sua consolidação como produtora e exportadora de minérios durante a Segunda Guerra Mundial. Pensar as experiências modernas no setor da mineração na cidade de Picuí, durante o século XX, e como elas são experimentadas no cotidiano das minas durante o contexto da Segunda Guerra Mundial, é de extrema importância, tendo em vista que embora este acontecimento seja relatado por muito dos antigos habitantes desta localidade, as novas gerações em sua maioria, desconhecem quase completamente este capítulo da história da cidade.

Portanto, esse trabalho é fundamental para registrar e conservar o legado histórico desse período para a cidade, tornando a história viva, para que não fique no esquecimento, pois os que vivenciaram esse momento histórico, estão morrendo, é com eles também morreram as memórias, que para os historiadores é primordial para a construção da História. Portanto, os aportes teóricos contidos na referida pesquisa, sejam eles obtidos por fontes audiovisuais, bibliográficas ou documentais, possibilita ao fim desta pesquisa o alcance almejado, considerando que ao longo do desenvolvimento da pesquisa, as referidas fontes responderam à problemática central que norteou essa pesquisa, levando-nos a concluir que houve mudanças significativas na dinâmica da cidade de Picuí, após a instalação de oficiais norte-americanos no ano de 1943, no contexto da Segunda Guerra Mundial.

REFERÊNCIAS

- AGRA, Fabiana de Fátima Medeiros: **Picuí do Seridó, século XX**, volume 1, 1900-1950. João Pessoa: A União, 2014.
- ANDRADE, Manoel Correa. **Mineração no Nordeste: Depoimentos e Experiências**. Brasília: MCT/CNPQ/Assessoria Editorial e Divulgação Científica, 1987.
- BARROS, José de Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In. NOVAES, A. (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.19-33.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CUNHA, Maria Tereza. **Territórios abertos para a História. IN: O historiador e suas fontes**. PINSKY, Carla Bassanezi Pinsky; LUCA, Regina de (orgs.). São Paulo: Contexto, 2009.
- DANTAS, Jaqueline. **A ATUAÇÃO DAS COOPERATIVAS NA ATIVIDADE MINERAL NO SERIDÓ PARAIBANO: os casos da coopicuí e coomipel**. Campina Grande: UEPB, 2017. (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional).
- FERRO, Marc. **O filme: uma contra análise da sociedade?** In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. História – novos objetos. Trad. Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 199-215.
- FORTE, J. F. **Cooperativas de Pequenos Mineradores: A Experiência nos Garimpos de Pegmatitos do Nordeste**. Campinas: UNICAMP, 1994. (Dissertação de Mestrado em Geociência).
- FOUCAULT, Michel, **A arqueologia do saber**; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. **Documento e história – A memória evanescente**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009, p. 9-28.

KOSSOY, Boris. **O paradigma da fotografia. Seminário de Fotografia**. Chile, 19 ago 2009. Disponível em: http://boriskossoy.com/wp-content/uploads/2014/11/paradigma_pt.pdf. Acesso em: 30 Jul. 2021.

LEGOFF, Jacques, 1924. **História e memória / Jacques Le Goff**; tradução Bernardo Leitão... [et al.] - Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

_____. **História e memória**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

LIMA, Helder Cordeiro. **A Trajetória do Setor Mineral no Município de Pedra Lavrada – PB: Uma Análise das ações públicas para pensar o desenvolvimento**. Dissertação (Pós-Graduação em desenvolvimento regional) Campina Grande, p. 127. 2013.

LIMA, Maria Artenisia da Costa. **TECENDO MEMÓRIAS, FAZENDO HISTÓRIAS: TRABALHO FEMININO EM PICUÍ - PB (1937 – 1950)**. Orientadora: Maria do Socorro Cipriano. 2019. 70. TCC (Graduação). Curso de História, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. 2019. Disponível: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/21313/1/TCC%20-%20MARIA%20ARTENISIA%20DA%20COSTA%20LIMA.pdf> Acesso: 15/07/2021.

NAPOLITANO, Marcos. **FONTES AUDIOVISUAIS A História depois do papel. IN: Fontes históricas**. PINSKY, Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MEDEIROS, Coriolano de. **Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

MORAIS, João Rafael G. de Souza, **O impacto da Blitzkrieg no Exército brasileiro: reflexões sobre a doutrina francesa e alemã na revista A Defesa Nacional (1936-1944)**. IN: O Brasil no contexto da Segunda Guerra Mundial: estudos contemporâneos / Wilson de Oliveira Neto, organizador. – Joinville, SC : Editora Univille, 2020.

MORETTIN, Eduardo Victorio. **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro**. In: História: Questões & Debates, Curitiba, n. 38, p. 11-42, 2003. Editora UFPR

- OLIVEIRA, Abílio César de. **Município de Picuí: Esbôço Histórico**. Natal: Tipografia Santa Terezinha, 1963.
- PEREIRA, Durval Lourenço. **Operação Brasil: o ataque alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Contexto, 2015.
- PERROT, Michelle. **Os silêncios do corpo da mulher**. In: **MATOS, Maria Izilda S. De; SOIHET, Rachel (org.)**. O corpo feminino em debate. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- PESAVENTO, Sandra. **Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (século XIX e XX)**. Anos 90, Porto Alegre, n. 4, dez. 1995.
- PETERSEN, Sílvia. **“Dilemas e desafios da historiografia brasileira: a temática da vida cotidiana”**. In: MESQUITA, Z. e BRANDÃO, C. (org.) Territórios do cotidiano. Porto Alegre: UFRGS; Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 1995.
- RAGO, Margareth. **AS MULHERES NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA. IN: Cultura Histórica em Debate**. SILVA, Zélia Lopes (Org.). São Paulo: UNESP, 1995.
- REALI, Noeli Gemelli (org.) **Cinema na Universidade: possibilidades, diálogos e diferenças**. Chapecó: Argos, 2007.
- RIZZINI, Irma. **Pequenos Trabalhadores do Brasil**. In: DEL PRIORI, Mary (org.). História das Crianças no Brasil. 7. Ed. – São Paulo: Contexto, 2010.
- SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- SANTOS, Luiz Carlos dos. **Uma experiência de vida: dos campos de alagoa nova para os campos de batalha de uma guerra que se foi**. IN: História Local: Múltiplos olhares. MONTEIRO, Luíra Freire; SANTANA, Flavio Carneiro de (orgs.). João Pessoa: Ideia, 2018.
- VASCONCELOS, Santiago Andrade. **O uso do território do município de Pedra Lavrada – PB pela mineração: elementos de inserção do lugar do fazer no contexto atual da globalização**. 2006. 216 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Pernambuco, Recife/PE, 2006.

FONTES

Cinematográfica:

Curta - Documentário Urânio Picuí, 2011 | Direção e Roteiro: Tiago Melo e Antônio Carrilho.

Disponível:

https://vimeo.com/45176655?fbclid=IwAR0RwSQWgrQE_KMeDj1YLBmLwv3YmZJ7LFRZ_TGkMcQj2is9FpLS_KT3orE Acessado: 23 de março de 2021.

Documentário Urânio Picuí, 2011 | Direção e Roteiro: Tiago Melo e Antônio Carrilho.

Disponível em: <https://youtu.be/Q9SV0LfyNWk>. Acessado: 20 de fevereiro de 2021.

Legais:

SENADO FEDERAL. Decreto nº 12.105, de 26 de março de 1943, Art.1º.

Periódicos:

A UNIÃO. João Pessoa: Patrimônio do Estado, 22.07.1942, p.6.